

PAPO DE GALO A TRÁS DA 14

27/mar/2021

A small boat with a canopy is on the water, illuminated by the golden light of a sunset. The water is shimmering with reflections of the sun.

**SALVADOR
472 ANOS**

PAPO DE GALO _ revista



A **Papo de Galo_ revista** é um projeto de **Gabriel Galo**. Ele também escreve, diagrama, administra e o que mais precisar. E desde a edição de número 10, a revista ganhou novo corpo. Piauí, me aguarde!

Somos **8 colunistas**, dentre jornalistas, escritores, analistas políticos, administradores, advogados, cronistas, filósofos, antropólogos. Isso sem contar os convidados especiais que marcarão presença nas pautas principais de cada exemplar. E vou mencionar *em passant* os planos de contratação de diagramador e ilustrador, para elevar mais um passo no conteúdo da revista.

Com isso, seu **apoio** é agora mais importante ainda. Apoie a produção independente de conteúdo!

Voltando à introdução tradicional, agora em primeira pessoa:

Eu sou baiano de Salvador, torcedor do Vitória, formado, mas não melhor que ninguém por isso, em Administração pela FEA/USP, pai, empresário e escritor. Isso cronologicamente falando. Escrevo coisas demais, sobre assuntos demais.

Publiquei em outubro de 2018 o livro **“Futebol é uma Matrioska de surpresas: contos e crônicas da Copa 2018”**, contendo textos meus no Correio da Bahia e no Huffpost Brasil, além de alguns inéditos. Neste ano de 2020, lancei mais 2 livros novos de contos e crônicas: **“A inescapável breiguice do amor”** e **“Não aperte minha mente”**. Você pode comprá-los [AQUI](#).

Estou **colunista** no programa **Futebol S/A** na Rádio Sociedade da Bahia, no **Arena Rubro-Negra**, o maior e melhor site de torcedores do Vitória, e no **Aprendizagem Jurídica**. Estive 3 anos e meio anos no **Correio da Bahia** e 1 um ano e meio no **Huffpost Brasil**. E estou sempre aí correndo atrás para quitar o boleto de amanhã.

Escrevo porque não tenho opção. Porque, por mais que tenha tentado outros caminhos, contar histórias é o que me faz acordar todos os dias com vontade de trabalhar. E vocês não imaginam como dá trabalho...

Ainda há muito mais por vir. Esta revista é só mais um passo rumo a sei lá o quê. O que importa, estou certo, é a jornada, não existe isso de linha de chegada. E faço um convite a você: vamos juntos?

Se o que eu escrevo faz sentido para você, considere **APOIAR** a revista. Assine. A campanha no [Apoia.se](#) está no ar esperando sua contribuição.

Ah! Eu sempre quero ouvir suas histórias. Quer conversar, propor pauta, criticar, o que for? Fale comigo!

facebook.com/souogalo

[Instagram.com/souogalo](https://instagram.com/souogalo)

e-mail: gabriel@papodegalo.com.br

Abraço do Galo!

Faz tudo da revista: Gabriel Galo
Espero que em breve eu possa preencher este espaço com a equipe contratada para fazer a revista.
Uma publicação da Papo de Galo Comunicação e da Galo Consultoria.
Tiragem quinzenal. Revista online gratuita. Em breve, assinatura com edição física disponível. Quando? Não sei, pergunta difícil.
Enquanto isso, apoia aí, vai. Faz toda diferença.
Proibido reprodução total ou parcial dos textos sem autorização expressa dos autores.

**A QUEM FAZ DE
SALVADOR. EM TODAS
AS SUAS FACES. E
JUSTAMENTE POR
ISSO. O MELHOR PAÍS
DO MUNDO.**

Por GABRIEL GALO

O conteúdo desta revista é 100% autoral.
Proibido reproduzir sem autorização expressa do autor.
© Papo de Galo. Todos os direitos reservados.

Apoiadores

0005

APOIA.se

São Paulo, 27 de março de 2021

REDES
SOCIAIS



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo
@canalpapodegalo



@souogalo



gabriel@papodegalo.com.br



PAPODEGALO.COM.BR

COLUNISTAS DESSA EDIÇÃO



ANDRÉ UZÊDA
Jornalista

 @AndreUzeda

André Uzêda, 33 anos, jornalista e mestre em comunicação e culturas contemporâneas. Atualmente é editor da TV Bahia e colunista do Correio (coluna Baianidades). Antes trabalhou no Jornal A Tarde, Folha de S. Paulo e TV Aratu.




DANIEL CARIBÉ
Administrador público

 @dancaribe

Daniel é administrador público e doutor em arquitetura e urbanismo. Atualmente é um dos coordenadores do Observatório da Mobilidade em Salvador.



FAUSTINO MENEZES
Jornalista e ativista cultural

 @menezesfaustino

“Soteropolitano de Camaçari”, Faustino é tricolor, músico, ativista cultural e jornalista em contínua formação. Eleito criador de tendências do Spotify, seu hobby predileto é destampar uma e degustar a peleja.



FRANCIEL CRUZ
Jornalista e escritor

 @fsmcruz

Celebridade de Irecê, Franciel é pós-graduado com phd em chibanças e dança de rato. É autor de “Ingresia” (P55, 2018).



GABRIEL GALO
Administrador e escritor

   @souogalo

Baiano praticante desde 1982, Gabriel é administrador, empresário, pai e escritor, cronologicamente falando. Lançou 3 livros de contos e crônicas.




JULIANA TOURINHO
Engenheira e rubro-negra

 @julitourinho

Soteropolitana, rubro negra, engenheira e, nas horas vagas, cinéfila e louca das séries. Sigam-me os bons!



PAULO LEANDRO
Jornalista e escritor

 @paulo.Leandro.7

Baiano do Saboeiro, Paulo Leandro é jornalista, filósofo em formação e professor doutor em Cultura e Sociedade.



NÍLSON GALVÃO
Comunicólogo e poeta

 @nilson.galvao

Mestre em Comunicação e Política pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba).

>> APOIA.SE/PAPODEGALO <<

Tudo o que você lê, ouve e assiste aqui no Papo de Galo é essencialmente grátis. Mas boleto não liga pra isso. E a gente precisa de sua ajuda.

Você pode contribuir com qualquer quantia que puder e não vá lhe fazer falta no APOIA.SE. Que tal 10 reais por mês, só 2 cafezinhos? Bora?

ÍNDICE

EDITORIAL

7

FAZ DE CONTA QUE O MUNDO PAROU, É ANIVERSÁRIO DE SALVADOR

(por Gabriel Galo)

SALVADOR. 472 ANOS

14

SALVADOR, REDESCOBERTA, RENASCIMENTO

(por Gabriel Galo)

18

ARIZINHA SOUZA: A CARA DE UMA SALVADOR 2.0

(por Gabriel Galo)

32

A PERFEITA SIMBIOSE ENTRE SALVADOR E O TRICOLOR

(por Faustino Menezes)

38

O ENSINO DA PERSISTÊNCIA

(por Juliana Tourinho)

42

PERFIL: TIAGO QUIRINO TROCCOLI (@SOTEROGRAFANDO)

(por Gabriel Galo)

52

ENTREVISTA: RICARDO CAIAN

(por Gabriel Galo)

62

OS PRÉDIOS EM SALVADOR INTERFONAM HISTÓRIAS QUE TEIMAMOS EM IGNORAR

(por André Uzêda)

66

SALVADOR, MOBILIDADE URBANA E DESIGUALDADES

(por Daniel Caribé)

74

BARRA CIRCULAR

(por Nílson Galvão)

76

OLHAR ESTRANGEIRO

(por Franciel Cruz)

78

A JANELA

(por Gabriel Galo)

FOLHETIM

80

TU ÉS O GRANDE AMOR DA MINHA VIDA:

AS AVENTURAS DA BOLA NA CIDADE DE SALVADOR

(por Paulo Leandro)

7

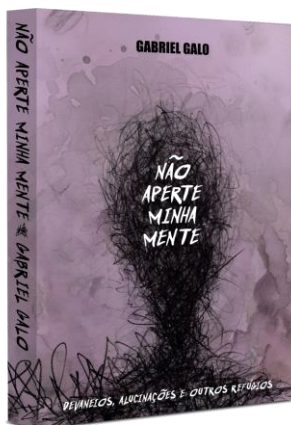
POR GABRIEL GALO

FAZ DE CONTA QUE O MUNDO PAROU, É ANIVERSÁRIO DE SALVADOR

QUANDO SÓ SALVADOR IMPORTA

Não, o mundo não parou. A pandemia segue seu rumo sem freio num Brasil em que o negacionismo é regra, e a pulsão de morte dita as ações do governo. Mas vez ou outra, precisamos fazer uma pausa. E no faz de conta, a gente pausa as lamúrias de uma época terrível, interrompe o trabalho de aprofundar questões atualíssimas para focar numa temática única, embora muitas e infinitas dentro dela mesma: **SALVADOR**. A velha cidade da Bahia. A Soterópolis. A cidade que me viu nascer, e fez nascer tantos de fora que nela pisaram e plantaram os pés na boa terra, deixando raízes novas.

Está no meu “Conto aos 7 anos de um vivido”, do meu livro “Não aperte minha mente”:



“Mas de nada vale, hoje vejo, ser-se de algum lugar e não praticar. Origem é também questão de prática.”

Assim, é de Salvador quem pratica. Retornaremos a isso no avançar das páginas desta revista, como referência aberta em texto meu e na ingresia sertânica de **Franciel Cruz**, e implícita na forma de se olhar e viver a cidade.

Não cometerei, contudo, o impropério de tentar resumir Salvador. Não e nécaras. As vozes e histórias descritas aqui em linhas mais cheias de sobe-e-desce que o relevo da cidade são recortes de uma gente que não é única, porque impossível, mas que transforma cada dia na cidade numa fonte inesgotável de boas histórias. Logo, esqueça essa história de resumo, de levantar o dedinho na indignação seletiva na base do “Salvador não é só isso” porque isso já está cristalino. Posso ser besta, mas não a ponto de rabiscar o impossível. Então segure sua onda e embarque nessa desarmado.

Mas, sim, Salvador. Neste 29 de março, a Cidade da Bahia completa 472 anos com corpinho de 350. Ou seria 380? Nunca sei ao certo. Chutaria que está nessa faixa entre 300 e 420. Pelaí. Ou não.

E para olhar para a cidade, vou às margens da descrição ufanista de templos sagrados da cidade. Em vez de loas à Colina Sagrada – **Ajayô, meu Senhor do Bomfim!** – ao triunvirato dos Faróis a delimitar fronteiras da urbe, Barra-Itapuã-Humaitá, vamos saltar com a molecada da Ponte do Crush.

Aliás, o que se pensa quando se fala em Salvador?

Pois: Carnaval.

Se Salvador é Carnaval, trago no coldre a máxi-ma de **Gerônimo Santana**, autor de “É d’Oxum”, hino oficioso da cidade – ali um corpo na frente de “Raiz de todo bem”, de Saulo, conforme li num [tuíte](#) de **Franciel Cruz**:

“(O Carnaval) Antigamente era desorganizado, mas éramos felizes. Depois, chegou a organização e lenhou tudo.”

No que eu, herdeiro de sangue revolucionário de pai que fugiu da polícia, com esta descendo porrete em estudantes que se aliavam ao partidão para quebrar as estruturas da Ditadura e fazer valer a revolução, nunca fui muito chegado a clichês e senso comum. Tem DNA do contra formando a criatura, saca? Não fosse assim não rumaria vida para buscar viver de letras. Seria apenas um mais, sem nem direito a estatística, um borrão humano, cumprindo o ritual cíclico da vida ao nascer, crescer, estudar, reproduzir-se, contrair dívidas, obedecer sem reclamar, gratidão até pelo que faz mal e morrer sem importância, vulto esquecido quando a voz não se forma em memória aos que ficam, que estarão repetindo o ciclo, afeitos a suas próprias, parcas e porcas ambições.

Além disso, a **Papo de Galo_ revista #11** e seu **Suplemento** foram dedicados ao **Carnaval**, com muito de Salvador, com direito até a abestalhamento de Charles Darwin quando calhou de fazer estada por estas bandas há coisa de 200 anos e trombar com o Carnaval do entrudo pelas ruas da Cidade da Bahia. Então, vamos deixar o Carnaval um tantinho de lado – com a sua permissão, amado e idolatrado leitor, querida e venerada leitora.

Embora sem o Carnaval, a **música** é central em Soterópolis. Nessa toada me embrenhei em papo com **Ricardo Caian**, músico da melhor qualidade que se mete pelo Brasil todo compondo, tocando, cantando, produzindo e mais o que envolver música.

No campo da **fotografia**, é a mim automático ser levado a **Pierre Verger**. Mas me perco numa nova leva de fotógrafos baianos, como Pedro Nunes, **Rafão**, ou **Tiago Quirino Troccoli**, do Instagram [@soterografando](https://www.instagram.com/soterografando), este último um herdeiro da visão antropológica do francês naturalizado baiano – assim como Carybé um dia também se naturalizou. Ambos, Verger e Carybé, primeiro baianos, depois brasileiros –

este segundo com baixa ou nenhuma relevância. Negócio é ter o documento para se dizer baiano, sim, senhor, não apenas pela arte e pela vida imersa de baianidade, mas de papel passado, registro e carimbo para não dar brecha para questionamentos impertinentes.

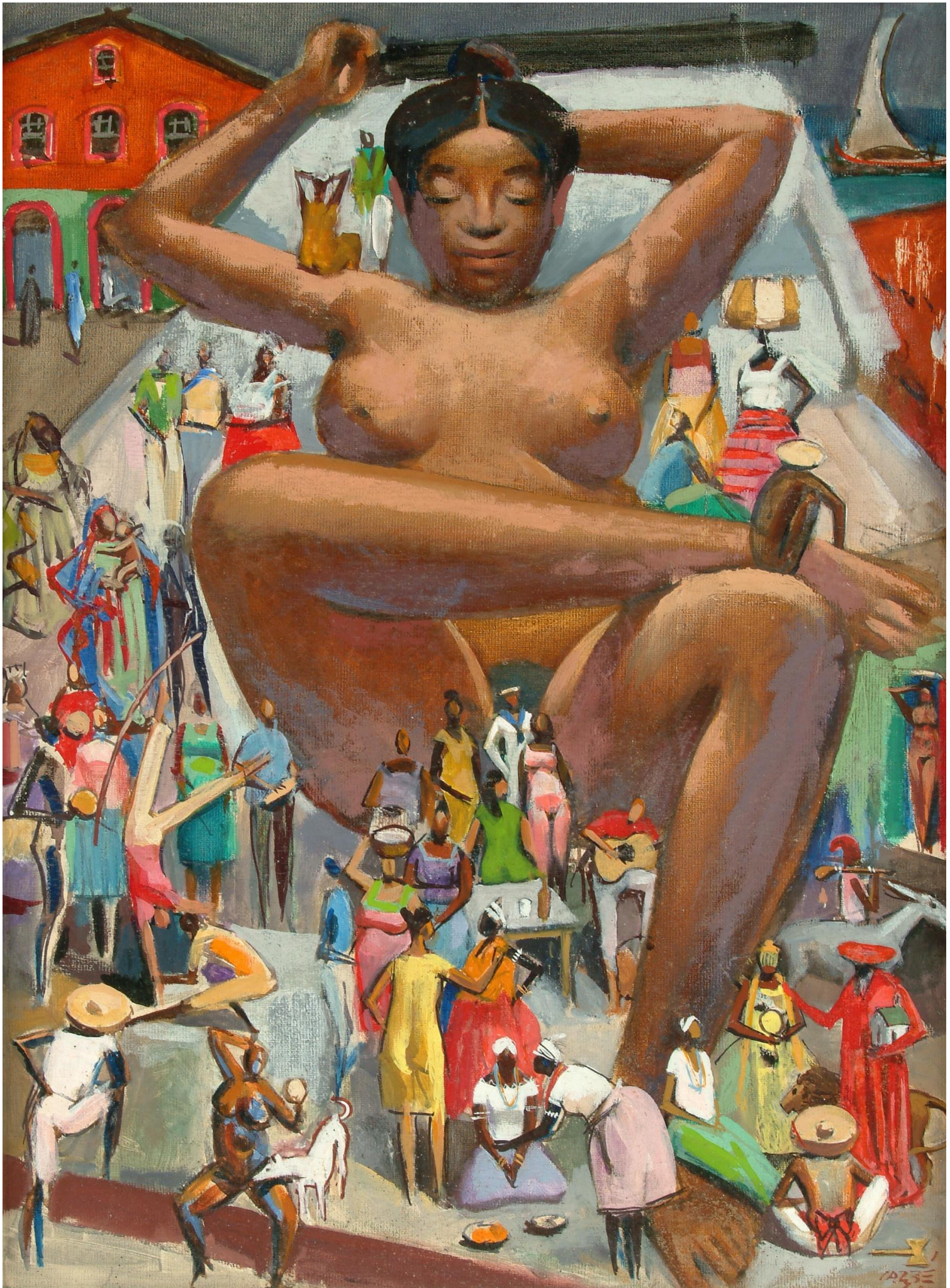
E ao se expandir a arte para outras formas, apesar de Bel Borbas, Marios Cravos et cetera, direciono olhar para **Arizinha Souza**, mulher, negra, artista e empreendedora que já fez e faz DIUMTUDO, vive de seu dom e acorda todo dia com a correria de entregar pedido no varejo.



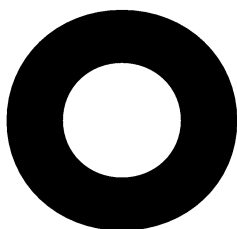
Arizinha é o fio condutor dessa revista para a imagem de um ensaio meu aqui exposto, e que sai em partes dia 29 no Correio. Salvador é uma mulher negra que dá vida à multitude de gentes transitando pela frenética urbe. Salvador é mãe. Salvador é d'Oxum.

No que Carybé pintou o quadro que representa, do meu ponto de vista, como a cidade se muda em mulher: **A grande mulata 3**.

A GRANDE MULATA 3



CARYBÉ



antropólogo **Vagner Gonçalves da Silva** publicou na edição #10 da **Ponto Urbe**, revista do núcleo de antropologia urbana da USP, em 2012, artigo intitulado “**Artes do axé. O sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé**”. Nele, Vagner tem por objetivo analisar a presença do sagrado afro-brasileiro na obra de Carybé. E ele dedicou análise específica para o quadro “A grande mulata 3”, cujo trecho se lê abaixo:



No quadro (...) intitulado A grande Mulata III, vê-se uma composição semelhante com a do quadro anterior, “Bahia”, do ponto de vista dos temas que o compõem. No primeiro plano, a oferenda de farofa para Exu esta sendo preparada. À direita, abaixo, Oxum paramentada de amarelo e com seu leque à mão, conversa com um provável São Jerônimo devido ao leão que o circunda. Mas ele também é Xangô, que gosta de se vestir de vermelho e tem o leão como símbolo de sua realeza africana. Seu machado bifacial encontra-se aos seus pés. Acima de Xangô, aparece Exu com seu ogô (porrete fálico) sobre os ombros e chapéu em forma de gorro pendido para trás. À esquerda uma mulher nua de seios grandes (Iemanjá ou Oxum?) se mira no espelho. No último plano, um saveiro e o mercado vermelho de Santa Bárbara-Iansã se destacam. Capoeiristas, marinheiros, mulheres conversando, cenas de boemia num bar, entre outros motivos, preenchem os demais planos da tela. Mas desta vez Nossa Senhora foi deslocada para a esquerda. Em seu lugar, central na outra tela, uma negra (ou “mulata”, segundo o título de Carybé) de proporções gigantes aparece nua deitada numa cama com as pernas entreabertas. Sua vagina ocupa o centro da tela de onde parecem ter saído todas as pessoas e coisas que com ela compartilham a cama. Aqui parece que as supostas dualidades entre Natureza e Cultura, Carne e Alma se dissipam. Sabemos que no mistério da Imaculada Conceição, a virgem Maria escudou com a Alma (Cultura) o anjo do Senhor e concebeu, não pela via do sexo (Natureza), seu filho, homem-deus, que veio para salvar os outros homens da barbárie do pecado original. O milagre desta Mulata Grande, entretanto, é inverter essa cosmologia cristã em favor de paganismo festivo e sexualizado, no qual o mundo (a cultura) é concebido pelo canal do sexo (da natureza). É isso o que, aliás, nos conta o mito em que Iemanjá, violentada por seu filho, Ogum, corre e, ao cair, faz sair de seu ventre toda a legião de orixás existentes. Na cultura africana e afro-brasileira o sagrado vem da terra e do baixo corpo, por isso tudo o que diz respeito a estes é sagrado. Os sentidos do corpo são todos acionados na religião (a visão das cores vivas e formas naturais, a audição das músicas e rezas, o gosto e o olfato das comidas votivas bem temperadas, o êxtase da possessão). Esse princípio, que une o sagrado ao profano, o extraordinário ao cotidiano, o católico ao africano, enfim o corpo como mediação entre a natureza e a cultura parece ter cativado os olhos de Carybé e o fez escolher viver junto ao povo da Bahia.”

PEGOU A VISÃO?

Salvador é um multiverso, em que realidades paralelas inacreditáveis existem e coexistem, para absurdidade de quem observa. Talvez seja essa banalização do absurdo o cerne do cotidiano de cada um que transita na cidade. Absorta, a pessoa apela ao bom humor e às paisagens surrealistas para não fazer o mundo invertido engolir a gente.

E já que o trânsito foi abordado, num choque de culturas que gesta uma cidade de riqueza humana sobrenatural, o outro lado, o excludente, o opressor, é tratado em artigo exclusivo de **Daniel Caribé** e na forma como o transporte público perpetua hierarquias de classe, mantendo os de baixo o mais longe possível da interação com os de cima. E a poesia de **Nílson Galvão** vaga pela cidade num ônibus, inalando aromas que cabe a você decidir se agradável ou não – mas de leitura indiscutivelmente prazerosa.

E **André Uzêda**, jornalista dos melhores que a Bahia já produziu, detalha prédios e apartamentos como receptáculos de histórias particionadas.

O futebol não poderia deixar de fazer parte, e vem de um jeito diferente.

Faustino Menezes e **Juliana Tourinho** discorrem sobre o que é ser torcedor de Bahia e de Vitória numa cidade que conta parte de sua história recente nos gramados da Fonte Nova e do Barradão, com Pituáçu vez a vez pedindo licença para ser palco. Futebol e Salvador estão tão entrelaçados, que esta revista retoma uma tradição perdida no tempo.

A partir de hoje, em cada nova edição será lançado um capítulo inédito em formato de folhetim do livro “Tu és o grande amor da minha vida: as aventuras da bola na cidade de Salvador”, do cânone do jornalismo baiano, **Paulo Leandro**, ou Painho Leandro, adotado que fui pelo mestre.

E como já maltratei demais o juízo de vossências com esse editorial-introdução mais demorado que o buzu que você precisa pegar, me despeço com a singela resposta de **Caetano Veloso** numa [entrevista a Marina Rovelli](#), do jornal **A Tarde**, publicada em 2 de maio de 2014, quando indagado a comentar sobre sua relação com a cidade.

“

“Salvador foi minha primeira cidade grande. Nunca nenhuma foi maior.”

”

Maior que a velha cidade de Bahia não há.

Cabe o mundo em Salvador.

O melhor país de todos os continentes e universos, diretos ou paralelos, porque nela todos se alojam, e assim entram em choque e explosão.

Boa leitura.



Foto: Tiago Caldas | Correio


CLICHÊ...



(porque não dá pra fugir muito de algo tão exuberante)

APOIA.se
/PAPODEGALO

14

A photograph of a sunset over the ocean. The sky is a warm, golden-brown color. The water is dark with small waves. Several small boats are scattered across the horizon. In the foreground, a person is standing on a small boat, their arms raised in a gesture of triumph or joy.

SALVADOR, REDESCOBERTA, RENASCIMENTO

POR GABRIEL GALO



Era dezembro de 1996 quando nós, os filhos, nos juntamos aos pais, que tinham meses antes deixado Salvador rumo ao recomeçar em outro estado. Estive exatos 11 anos afastado. Neste ínterim, a distância e a necessidade se encarregaram de romper as raízes com a Bahia. Repetia, inocente talvez, puro certamente não, e besta indiscutivelmente, a linha que li no espalhado da internet: “sou baiano, mas não pratico – no que descubro nas páginas desta revista, que o fio da memória vem de Franciel Cruz, companheiro de letras e de sofrimento rubro-negro.

”No retorno, sacramentado quando meu pai buscou na volta pra casa mais um recomeço de uma vida que nunca se formava, as imagens de quem observa do avião o romper da cidade pelo Farol da Barra para depois, pelo lado esquerdo de quem voa, avistar o complexo do Barradão, inundaram meus olhos de um sentimento de querência que escondido estava, porém pulsava um batimento distante, inaudível pelo barulho do afastamento. No silêncio da contemplação, dali do alto eu a via, a batida era de tambor. Redescoberta.

Estava, enfim, de volta. Painho, em nossas andanças retomadas pela cidade, repetia pontos da memória. Sabia ele, tantos anos fora quanto eu, o quanto valia esta conexão. Lutava para não me deixar esquecer, nem a ele. Emendava sempre o assunto com um “já te contei da vez que...” Sim, já tinha contado. Umass tantas e outra vezes.

E foi no ferry boat de regresso da Ilha de Itaparica que revivi o arrebatamento que um dia fez Darwin afirmar, ainda cheirando a leite, que:

Ninguém poderia imaginar algo tão bonito como a antiga cidade da Bahia.

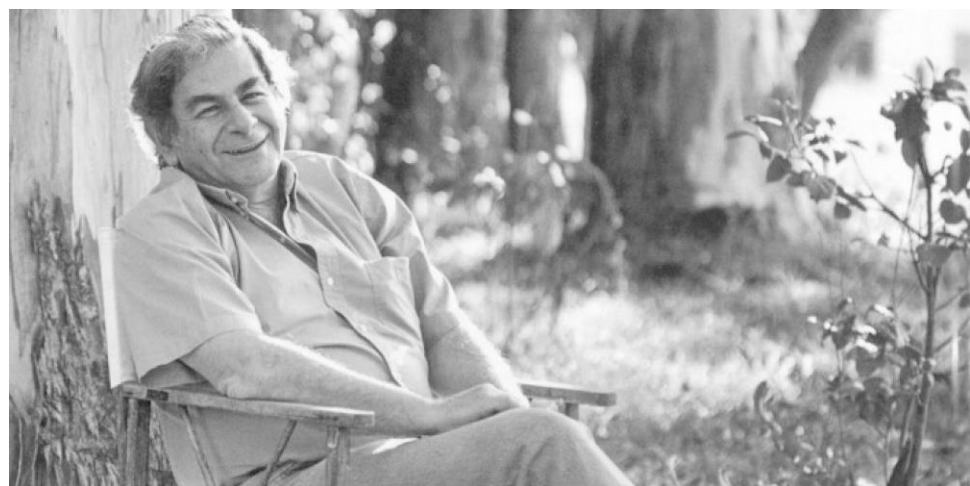
Charles Darwin, 1832

É sintomático notar que a Darwin, a antiga Cidade da Bahia que lhe parecia antiga, então, no distante 1832. Seguimos, pois, para confirmar os versos de Caetano, nonde construção e ruína são indistinguíveis entre si, compartilhando, irmãs, o mesmo espaço físico e temporal.

Assim é, também, Salvador: Por mais que se avance, o atraso se lhe impõe.

Na cena da chegada à terra firme há um eco de familiaridade universal, posto em palavras exuberantes por Raduan Nassar em seu canônico livro Lavoura Arcaica:

Não importava que eu, erguendo os olhos, alcançasse paisagens muito novas, quem sabe menos ásperas, não importava que eu, caminhando, me conduzisse para regiões cada vez mais afastadas, pois haveria de ouvir claramente de meus anseios um juízo rígido, era um cascalho, um osso rigoroso, desprovido de qualquer dúvida: estamos sempre indo pra casa.



Se me conduzi para regiões mais afastadas, se Darwin se inaugurava, neste quesito estávamos juntos, mesmo que séculos apartados.

Atravessar a Baía de Todos os Santos é uma experiência transcendental de renascimento. Adentra-se, quem vem de lá, a cidade que é uma e é todas, é d'Oxum, onde o contraditório é regra.

Brinca a retórica do baratino que Salvador não é nem uma coisa, nem outra, tanto pelo contrário. É, portanto, irresumível, tanto que é Bahias e mais baías, estado, time, de Todos os Santos, de Itapajipe, de Aratu.

E apesar das mazelas de uma urbe opressora e desigual, vestem-se tantos de sorrisos no rosto a exaltarem um ideal – se ideal, logo, fabricado, pois estereótipo é exagero de traço – de uma tal baianidade que é cantada em verso e prosa. Como pode, a gente persiste, batalha e sobrevive. E na sobrevivência, Salvador renasce.

Ou, parafraseando o ditado, reestreeia.

Para quem nela sabe a dor e delícia de ser o que é, o cotidiano para além do alto e do ferry eventuais, cada redescoberta é renascimento. Tromba-se no caminho com os arrebatamentos constantes de uma cidade acumuladora de símbolos. Na vista de elementos da querência mais bela do que se pode imaginar – tríade completa de céu, chão e mar – renovam-se os votos de fidelidade afetiva à cidade em toda sua complexidade e incongruência.

Cumpre-se, assim, o destino da mãe-terra, mesmo alhures, de ser soteropolitano e baiano praticante, o que quer que isso seja – e essa narrativa é essencialmente individual. Descubra a sua.

Vivi o não ter – e o conseqüente não ser – para aprender esta lição. Voltei, redescobri, renascei. De Salvador e de minha gente não me afasto mais.



18

POR GABRIEL GALO

ARIZINHA SOUZA

A CARA DE UMA
SALVADOR 2.0

A pesar de alta madrugada, as mensagens não param de chegar ao celular de Ariane de Araújo Souza. Mas não há quem a chame assim. Para todos os efeitos, assumiu como praticamente oficial o apelido: Arizinha.

É alta madrugada, mas Arizinha ainda trabalha. Boa parte do apartamento em que mora com os pais é depósito de seus materiais: esculturas de gesso, tecidos, linhas, fitas, pedrarias, embalagens, e mais o que for necessário para dar cor aos santos e aos orixás, que produz sob encomenda.

Adianta o lado das artes que precisa entregar para clientes. Prefere o silêncio da noite para produzir, quando acelera a produção sem as distrações de dia claro. E mesmo que vá dormir perto de sol raiar no amanhã, desperta com um olho só às 7 horas justamente para responder pelo Whatsapp os clientes que insistiram noite adentro. Por uma hora, atualiza e retira pedidos, oferece atenção especial, para então voltar a dormir, num sono reparador de quem tem muito menos tempo do que gostaria de ter para dar vazão às muitas ideias na cabeça.

ARIZINHAZINHA

Nascida no Hospital Evangélico da Bahia, em Brotas, um dos maiores bairros de Salvador em 1 de julho de 1987, Arizinha é a caçula de 5 filhos de Seu Bidão, e a mais nova dos 2 filhos de Dona Preta, apelidos de Valdir e Nilde, seus pais. Mas a infância não é carregada de memória afetiva e eventos familiares cheios.

“Eu sou a mais nova por vários anos. Então, quando pequena, a casa vivia vazia. Meus irmãos já tinham ido viver a vida deles. Principalmente quando a família se mudou para Feira de Santana.”

Aos 3 anos de idade, Arizinhazinha descobriu 2 de suas maiores paixões.

A primeira era Xuxa.

A loira da TV fascinava a pequena, de quem sabia todas as músicas, dançava todas as coreografias. Era motivo de certa chacota na família, mas não se importava. Queria ser como Xuxa. E no calor tropical da capital baiana, desfilava com botas de cano alto, quase até os joelhos.

A boneca da Xuxa, aliás, era a única que a menina aceitava. Odiava desde sempre os brinquedos *de menina* que eventualmente recebia. Instantaneamente, ao ganhar uma boneca, as degolava e fazia a cabeça-sem-corpo de bola de futebol.

Personalidade é destino.

A bola seria a descoberta de sua segunda, e talvez maior, paixão.



QUÊ QUE TÁ ACONTECENDO?

Ser a caçula tinha vantagens. Desde muito nova, Arizinha foi (e de uma certa forma, ainda é) a protegida de Seu Bidão.

A história de Valdir, em si, une reviravoltas e dores demais. Órfão aos 12 anos, perdeu o pai e a mãe num intervalo de apenas uma semana. Mais velho, tornou-se viúvo com 3 filhos para criar. Conheceu, então, dona Nilde, ou Dona Preta, que, 15 anos mais nova que ele, assumiu a bronca do pacote completo. Com ela teve mais 2 filhos, sendo Arizinha a que fechou a conta.

Jogador profissional de baba, Seu Bidão, hoje com 77 anos, é funcionário de carreira aposentado do DNIT. E numa dessas artimanhas do destino, passou para cumprimentar os amigos num bar, Arizinha, então com 3 anos, a tiracolo. Era dia jogo do Bahia.

Arizinhazinha não entendia muito bem o que estava acontecendo, mas queria pra ela o que quer que aquilo fosse. Lembra-se de toda aquela gente enlouquecida, vibrando e cantando. Caiu de amores pelo Bahia ali, num estalo. Para quase angústia de seu pai, torcedor do Vitória.

(Mas o tempo mostrou fluida essa paixão de Bidão. Acompanha os filhos a jogos na Fonte, mesmo não vestido, e mantendo em casa um personagem de torcedor rubro-negro. Dirão alguns que por conta da filha, e como dizer que não? Em dia de jogo tricolor, bate na porta da filha pra avisar, “vai começar o jogo. Não vai assistir essa porcaria, não?”, no que a filha retruca, “Oxe, quer ver o jogo do Bahia, né? Peraí que eu já vou.”)



Nilde e Valdir, ou Seu Bidão e Dona Preta. Juntos até hoje.
Foto: Arquivo pessoal



A Seu Bidão, se for pra agradar a filha, vale até vestir um manto alternativo do Bahia.
Foto: Arquivo pessoal

CRIA DE ESTÁDIO

Ver o Bahia na Fonte se tornou imprescindível para Arizinha. Fazia de tudo para estar no estádio, mesmo que se em algumas enrascadas de vez em quando.

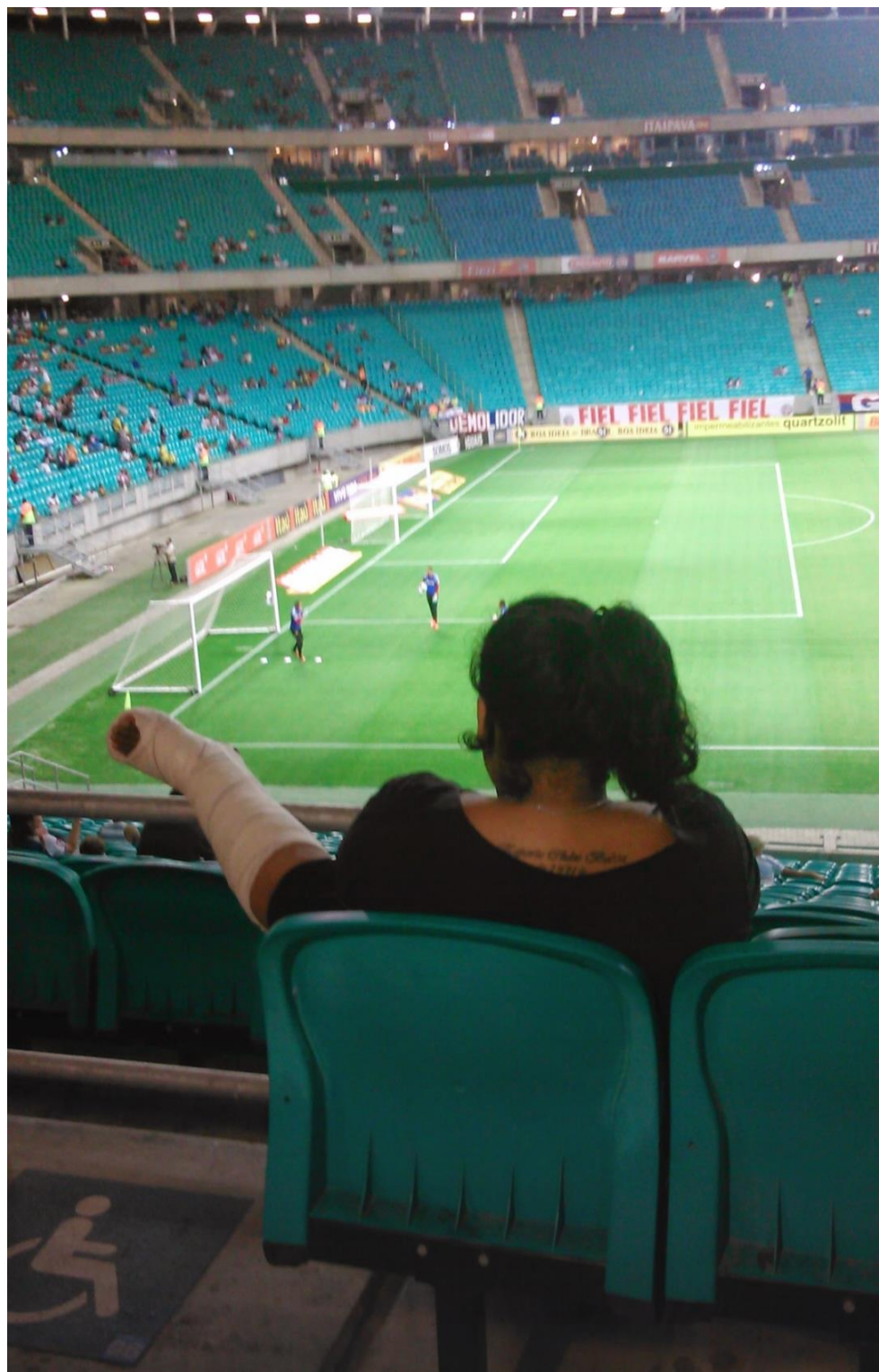
“Dia de jogo eu fugia de casa pra ver o Bahia. Passava a semana comprando e vendendo adesivos ou o que fosse pra juntar o dinheiro do ingresso e ia. Na época era mais fácil, ingresso custava barato. E anda envolvia os amigos na história! Ligava pra eles e pedia pra ligarem pra casa me chamando pra ir na casa deles. Vê se pode! Algumas vezes um desses, mais velhos, ia até em casa como se tivesse indo me buscar pra ir pro jogo. Pois no caminho a pessoa ficava em casa e eu ia pra Fonte Nova ver o Bahia sozinha. Futebol é um ambiente machista, é difícil pras mulheres irem a um jogo sozinhas. Naquela época, então! Deve ser por isso que eu não pedia a meus pais pra eu ir no jogo. Eu sabia que era um lugar hostil, seria correto de meus não me deixarem ir. Mas a possibilidade de não assistir a um jogo do Bahia no estádio era mais grave. E eu ignorava tudo e ia.”

la até mesmo a Ba-Vis no Barradão, estádio onde nunca viu das arquibancadas o Bahia vencer.

“Aos 14 anos eu fui com um amigo, Marcelo, torcedor do Vitória, assistir a um Ba-Vi no Barradão. Compramos o ingresso e na entrada combinamos de nos encontrarmos na saída do jogo no lugar tal. Ele desceu pra arquibancada e eu fui lá pro canto onde fica a torcida do Bahia. Jogo acabou, noite chegando, fui pro ponto de encontro e cadê Marcelo? Começou a me bater o desespero: era exatamente o motivo que meus pais precisariam pra me proibir pra sempre de ir a um estádio de futebol. Aí, olha o perigo, para um carro oferecendo carona. Era um torcedor do Bahia com 2 crianças pequenas. Me senti segura e fui. Deixei Marcelo, onde quer que ele estivesse, pra trás. Cheguei em casa – meu Deus, agora me dei conta que meus

pais nem conhecem essa história! – como se nada tivesse acontecido. Tomei meu banho, dormi tranquila. No dia seguinte acordei pra tomar café e lá estava Marcelo pendurado na árvore na frente de casa. A gente não tinha celular, né? E o coitado passou a noite ali, preocupado se eu estaria bem. Acontece que teve briga no Barradão, alguns grupos foram detidos e ele acabou indo junto sem ter nada a ver com a história. Quando foi liberado, correu pra me encontrar, mas eu já estava em casa, e sem saber de nada. E ficou na árvore esperando pra ter certeza de que eu estava bem. Coitado. (risos)”

A vida na arquibancada sofreu um baque quando a família se mudou para Feira de Santana. E se por um lado a frequência na cancha caiu naturalmente, por outro a mudança descobriu de vez sua veia artística e empreendedora.





A VEIA EMPREENDEDORA

Em bora nunca tenha faltado nada, Arizinha queria mais. E queria sem ter que pedir. E no recreio da escola, descobriu que tinha jeito pra vendas. Fez seu primeiro negócio trocando o dinheiro do lanche do recreio comprando adesivos, que vendia para os colegas na escola. Gostou da sensação.

“Eu sempre fui muito atirada. E de cara eu comecei a fazer um dinheirinho comprando e vendendo adesivos. Percebi que levava um jeito pra coisa. E olhe que eu nunca precisei de nada, sabe? Eu sei que eu podia pedir pra meus pais, mas eu queria conquistar as minhas coisas. Talvez eu tivesse também um medo de ouvir ‘não’.”

Essa postura seguiu com Arizinha por muito tempo. Adolescente, se virava como podia, mas com propósito diferente: ver o Bahia na Fonte Nova.

DESCOBRINDO A ARTE

Foi quando a família morava em Feira de Santana, fazendo da cidade uma filial dos Barris, bairro de seus pais, que Arizinha descobriu que levava jeito pra arte.

“Eu fazia faculdade de Pedagogia UFES e namorava com Lanzinho. Aliás, eu era conhecida como Arizinha de Lanzinho, porque ele é de família rica. Já eu venho de família que vive bem, mas é que rica não é. São mundos muito diferentes. E nas festas, principalmente Natal, eu não tinha condições de dar um presente pra ele ou pra alguém da família no nível que eles estavam acostumados. Então eu comecei a fazer os presentes pra dar, como camisetas e bolsas. E as pessoas começaram a me procurar querendo saber se eu vendia. E comecei a vender, na faculdade e entre amigos.”

Mas para fazer da arte uma profissão, Arizinha precisava aprender algumas coisas. E se livrar de outras.

“Em 2008, 2009, eu virei pra minha avó, que trabalhou a vida inteira como costureira, e pedi pra ela me ensinar a costurar. E assim comecei a costurar as minhas bolsas, que eu vendia principalmente na faculdade.”

Aos poucos, a faculdade foi ficando menos importante. Quanto mais se dedicava à arte, menos a pedagogia parecia viável. Criou página no Facebook para mostrar seu trabalho. E um evento a levou a decidir pôr fim na faculdade, e até mesmo à vida em Feira.

“Eu só tive um emprego na vida. Estagiei numa escola em Feira, trabalhava com a Diretora do Colégio. Um dia, a avó dessa diretora esteve na escola e começou a desdenhar de quem trabalhava, de mim principalmente. E eu não sou de levar desaforo pra casa, né? Respondi firme. Aí juntou um monte de coisa. A saudade de Salvador, dos meus amigos, do Bahia... E eu me dei conta de que eu não queria fazer Pedagogia. Eu queria fazer arte, era o que me movia.

“Faltando um semestre para concluir o curso, conversei com meus pais que eu queria voltar pra Salvador, e eles me apoiaram. Tranquei a faculdade, terminei o namoro e deixei Feira pra trás, vindo morar com minha irmã.

Entrou na UFBA para estudar Artes. Fez dessa graduação um sincretismo acadêmico.

Cheia de planos, em 2016 Arizinha teve que interromper tudo por conta de um medo que toda mulher tem: se envolveu em um relacionamento abusivo.



RELACIONAMENTO ABUSIVO

Um vídeo aterrorizante em outubro de 2020 despertou lembranças traumáticas em Arizinha. Nele, um homem agrediu uma mulher com socos no meio da rua. O caso, ocorrido em Ilhéus, ganhou repercussão nacional. Do apartamento onde mora com os pais – que também voltaram de Feira pouco depois da filha – sentiu a dor e a humilhação daquela mulher.

“As pessoas perguntam ‘por que não denuncia? Por que não se separa?’ Eu era dessas, inclusive. Mas só quem viveu um relacionamento abusivo sabe o que isso significa e como qualquer pessoa pode ser arrastada a isso. Apreendi na pele o quanto eu estava errada ao julgar.”

Foram anos até conseguir falar do assunto.

“Eu o conheci nem lembro bem como. Ele era coordenador de uma torcida organizada do Vitória. Era dependente químico. Dizia sem vergonha nenhuma que adorava brigar com as torcidas do Bahia.

“Ele tinha uma ex que mais que perseguir a ele, me perseguia. Ela me telefonava, mandava mensagens, dizendo que ele iria embora pra ficar com ela.

“Os amigos diziam apenas que ‘fulano é doido’, mas aqui na Bahia isso tem uma conotação meio de piada, de sujeito engraçado.

“Quer dizer, todos os sinais de relacionamento abusivo estavam ali. Mas a gente ignora, acha mesmo que ‘comigo vai ser diferente’. E nunca é. E nem posso dizer que alguém deveria ter falado mais a sério do risco que eu estava correndo, porque essa responsabilidade era minha. E hoje sei que mesmo que tivessem falado, eu teria escolhido não acreditar, fazer de conta de que era uma grande mentira contada por uma pessoa que queria nos separar.

“O relacionamento evoluiu muito rápido. Em pouco tempo a gente estava morando juntos. Mas era um clima sempre muito tenso. Eu sabia que ele poderia explodir a qualquer momento. E passei a tentar evitar esses ataques de fúria, como se eles fossem culpa minha.

“Me fechei ao Bahia. Guardei tudo o que eu tinha numa caixa. Era como se eu cortasse a minha identidade para que se adequasse à dele. Num relacionamento abusivo você perde essa noção de individualidade. Tudo passa a girar em torno do abusador.

“Mas ele não chegava necessariamente a me agredir fisicamente. As agressões eram psicológicas. E o abusador consegue fazer você achar que é você que começa as agressões, ou pelo menos que é tão parte do abuso quanto ele e que é você, na verdade, a culpada pela agressão. Mas só eu era diminuída, humilhada. Vivia retraída. E olha que eu nunca fui assim. Sempre fui atirada, expansiva. Aquela ali não era Arizinha, era uma figura que fui moldando para evitar consequências piores.”

Consequências que vieram.

“Eu comecei a ir a todos os jogos do Vitória com ele, por medo de que ele fizesse alguma besteira. Achava, de verdade, que minha presença o faria se controlar mais.

“Ele foi detido várias vezes, mas sempre era solto, conseguia se livrar sem tantas consequências. E aos poucos as brigas comigo foram se tornando também físicas.

“Quando eu não consegui esconder os hematomas, para quem perguntasse, eu mentia. Dizia ter sido assaltada, ou algo parecido. Fui assaltada muitas vezes.

“Mas ele não conseguiu me quebrar por completo. Racionalmente eu percebia o absurdo da situação, sabia que eu precisava me livrar dele. Mas não conseguia. Por vários motivos.

“Eu me perguntava, por exemplo, o que aconteceria com ele se eu não estivesse junto. Ou seja, eu me culpava por eventuais consequências que eram somente responsabilidade dele.

“Mas eu sabia até onde ele podia ir. E mais do que ter medo por mim, eu tinha medo do que ele poderia fazer com a minha família. E acabava ficando. Teve vezes de eu dormir na rua de medo de voltar pra casa. Esperava a poeira baixar e voltava com ele mais calmo. Era um sacrifício que eu achava ser necessário fazer.

“Eu consegui ver com mais clareza o quanto eu corria perigo num sonho. Nele, eu sangrava, e o sangramento era causado por ele. Esse sonho, eu acho, foi a inepção, a origem da minha libertação.

“E quando ele me agrediu com mais violência, e eu vi minha roupa rasgada e ensanguentada, a ficha caiu. Eu saí de casa correndo, quase nua, machucada, pedindo socorro. E vi, nesta hora de maior vulnerabilidade, o quanto a violência contra a mulher é relativizada.

“No prédio morava um soldado do exército. E me vendo naquele estado, em vez de me ajudar, me acolher, ele aumentou a minha culpa, dando a entender que tudo aquilo poderia ser por minha causa, que o melhor era voltar pra casa, que ele logo haveria de se acalmar.

“Saí pelo portão e pulei na frente de um táxi que me levou para a casa de meus pais. Esse homem foi um anjo na minha vida. Foi de um desconhecido o primeiro gesto de acolhimento, de respeito à minha dor, que eu tive em muito tempo.

“Meus pais foram, como sempre, extremamente acolhedores comigo. E, sabe?, eles sempre foram exemplo de marido e mulher, companheiros, carinhosos. Temos ainda o costume de jantarmos todos juntos, todos os dias. Família unida mesmo. Eu tinha isso dentro de casa.

“Depois daquele dia, nunca mais voltei ao apartamento. Assumi o prejuízo – das minhas coisas, dos móveis, do dinheiro que eu tinha emprestado a ele – e segui com a minha vida. Pra conseguir se desvencilhar de um relacionamento abusivo é preciso cortar laços por completo. Depois de alguns anos, era, enfim, vida nova.

“Em 2017 eu soube que ele foi preso, por conta de uma briga de torcidas em um jogo da Copa do Nordeste. Não sei porque, ele me colocou como contato. Tive que comparecer em juízo, mesmo sem querer ter mais qualquer relação com ele, direta ou indiretamente.

“Ele assinou um TAC. E nesse processo, redescobri a alegria que me faria voltar a ser quem eu era.

“A juíza do caso me conhecia dos tempos de blog do Bahia. O filho dela, torcedor tricolor, me acompanhava, mesmo eu estando há alguns anos sem participar da vida do clube. Mas ali tinha um sinal forte demais para ser ignorado. Estava no Bahia, na torcida, no estádio, o sustento emocional que eu precisaria.

“Anos mais tarde, como parte dos 12 passos de recuperação dos Narcóticos Anônimos, ele me ligou para pedir desculpas. Ouvi por respeito ao processo, não a ele.

“A dor do que eu passei sempre vai ficar. Apreendi a conviver com essa dor e a, principalmente não ser dominada por ela. Até pouco tempo atrás, lembrar este período da minha vida me fazia mal. Hoje finalmente consigo falar do assunto. Aconteceu faz parte da minha história. E me apoio no fato de que vocalizar o que aconteceu comigo talvez ajude outras mulheres a se livrarem de seus relacionamentos abusivos.”



BAHIA. COMUNIDADE E SUSTENTO EMOCIONAL

A volta de Arizinha ao mundo do Bahia foi quase épica. Morando com os pais em apartamento a menos de 10 minutos da Fonte Nova, sobraram incentivos para que retomasse a rotina de se vestir de vermelho-azul-e-branco e seguir para o estádio com a sua gente. E foi recebida de braços abertos.

Ali no meio da torcida, ela não era mais uma. O acolhimento dos seus remonta aos tempos das comunidades do Bahia no Orkut. Os laços criados então permanecem fortes, como se imunes à ação do tempo.

“O Bahia é mais que um clube de futebol. Tem laços de comunidade dentro da torcida que são fortes demais. É sustentação emocional pra muita gente.”

O talento na artes se faz presente também em outras frentes. Arizinha substituiu Pri Ulbrich como colunista do Bahia no “Donas da bola”. Escreve como poucos sobre o lado de torcedora.

Sócia, faz parte do grupo de apoio ao Núcleo de Ações Afirmativas (NAA) do clube. Foi por meio de conceitos de ações originadas no NAA que o Bahia deu uma guinada na sua valorização institucional.

Arizinha também não tem papas na língua no que se refere às decisões do clube. No mal gerido caso Jean, foi uma das vozes mais críticas ao retorno do ex-goleiro ao time, por conta da agressão à sua ex-mulher. Ela, que viveu o trauma, se indignou do fato de o clube, progressista na forma de atuação, ir tão contra a tudo o que prega e o que é certo pregar. Com isso, não apenas decepciona uma parcela gigantesca de sua nação, como também joga fora uma imagem cuidadosamente cultivada por anos.

Falar o que pensa, mesmo com criticidade, não a impediu de se tornar presença constante nas

redes do clube. Principalmente depois do lançamento do Sócio Digital, plataforma exclusiva para sócios, com programas especiais, bastidores e transmissão ao vivo dos jogos do clube.

Arizinha foi convidada a fazer parte de alguns programas. E neste ano de 2021, assume de vez o posto de âncora do programa “Corneta da FOONte”. Antes dividia bancada com outros 3 companheiros. Hoje, a casa é dela. No programa, recebe torcedores para fazer aquilo que o torcedor melhor sabe fazer: cornetar.

“É um privilégio, uma honra ter o espaço que eu tenho dentro do clube que eu tanto amo. Às vezes eu acho que eu pego um pouquinho pesado demais (risos), mas isso também mostra o quanto o Bahia é um clube diferente. Não tem só gente que puxa o saco da diretoria. Tem gente criticando, e que faz porque quer o bem do clube.”

No Bahia, conheceu ídolos. A desenvoltura, entretanto, perto dos ídolos se transforma em vergonha. E a impediu por anos de ter uma foto com Ávine, seu ídolo maior.

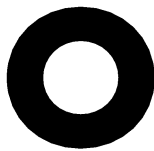
“Eu era louca por Ávine. Já briguei em estádio de sair na mão com quem falava mal dele. E quando eu o vi num evento do clube, não conseguir fazer nada. Fiquei só olhando com cara de boba. Demorou anos pra eu ter, finalmente, uma foto com ele. E a foto só veio porque a esposa dele, que acabou virando minha amiga, mandou uma mensagem pra ele dizendo pra bater uma foto comigo. Porque se dependesse de mim... (risos)”

Arizinha revela também um projeto novo.

“Escrevi por 10 anos em sites do Bahia sobre os jogos, a torcida. Eu quero reunir estes textos em um livro. Quem sabe não lanço no fim desse ano? Não tenho quase nada pra fazer mesmo... (risos).

A mesa ocupada por imagens que precisam ser pintadas entregam que o trabalho é muito, assim como a vontade também.

ARIZINHA PRESENTES E ARIZINHA ARTS

 Os cômodos do apartamento há tempos se tornaram ateliê de Arizinha. Neles estão espalhados imagens em gesso, tecidos, contas, fitas e linhas, imagens, caixas, maquinário e tudo o mais necessário para produzir.

O tempo de camisetas e bolsas ficou pra trás.

“Dá muito trabalho e tem uma competição desleal. O trabalho do artista tem competição direta da indústria. Como eu posso competir pra entregar uma camiseta de 60 reais, com uma arte feita à mão, quando se vende por aí um pacote com 4 camisetas por 15, 20 reais?”

Mas a alma de quem comprava e revendia adesivos quando criança não a deixaria parada. Inquieta, procurou outros meios para ganhar o seu. E também, outras maneiras de se manifestar artisticamente.

No perfil [Arizinha Presentes](#), no Instagram, vende peças de artesanato. Já no perfil Arizinha Arts ([@arizinha_arts](#)), dá vida a uma nova paixão: as imagens de santos e de orixás.

“Comecei a fazer as imagens em 2018, mas não vendeu. Mas eu fui estudando, pesquisando, principalmente sobre o Candomblé. Apreendi sobre as cores, sobre como trabalhar cada orixá. E eu vejo no meu dia-a-dia, com esse trabalho, o quanto a religião é discriminada. Mesmo em Salvador.

“As imagens cruas em gesso eu tenho que pedir de uma fábrica no Paraná. Não tem, aqui em Salvador, quem fabrique os orixás, enquanto santo católico é fácil de achar. Mas o pior é na hora de vender. Eu procuro fazer parcerias com lojas físicas, para expor o meu material. Muitas lojas, inclusive, têm interesse, me procuram. Mas quando eu comento dos orixás, a conversa para. Dizem que ‘não querem se envolver com

religião’, mas se fosse somente a imagem de Nossa Senhora Aparecida, não teria essa restrição. E olhe que estamos na capital mais negra fora da África.

“Retomei a confecção dos orixás quando recebi um pedido pra fazer Oxalá, em 2020. Desde então, não parei mais. Hoje a maior parte do meu trabalho é com as imagens.

Recuperando-se da Covid, Arizinha aposentou temporariamente a máquina de costura.

“No começo da pandemia eu fiz muitas máscaras. Mas parei, porque depois ficou comprovado que as máscaras de tecido protegem pouco. Vareei muita noite fazendo máscara, furando o dedo na máquina... Mas a demanda era tanta, que ficou mais fácil comprar máscaras pra revender. Hoje a máquina está quase parada. Meu trabalho maior é com as mandalas e as imagens. E é muito trabalho! Desde fazer o acabamento da escultura em gesso até pintar e colar os detalhes em pedraria, passando por uma costura pequena das roupas, são várias horas por imagem. E hoje o que mais sai é a lemanjá baby.”

Arizinha é um recorte de uma parte fundamental de Salvador 2.0. Negra numa cidade predominantemente negra; mulher numa cidade de maioria feminina; torcedora do Bahia, a maior torcida; batalhadora e destemida numa cidade em que o desemprego é o maior do país entre capitais e a correria do ganha-pão é tarefa diária; une candomblé e catolicismo em seu trabalho numa cidade sincrética; artista numa cidade que gosta de se amostrar.

Mas é uma versão atualizada desta nova Salvador. Resgata o candomblé com respeito à religião. Conectada, faz da internet o seu local de conexão com o mundo. Solteira e sem filhos, não é Oxum, mas é dela, num mundo que se renova em cultura e sociedade.

Um exemplo de vida, herdeira fiel do sangue de Seu Bitão e Dona Preta.



Escultura crua: diferença grande entre orixás e santos

Mesa lotada de imagens e mandalas por fazer.



Iema já baby



32

A PERFEITA SIMBIOSE ENTRE SALVADOR E O TRICOLOR

POR FAUSTINO MENEZES



Quando a Cidade do Salvador se tornou a primeira capital do Brasil, em 29 de março de 1549, mal sabia ela que seu processo de pioneirismo nacional estaria só começando. Ou talvez soubesse. Tanto que parecia por longo tempo aguardar o abraço na prole mais pródiga: uma instituição esportiva - a grande paixão nacional - que só seria fundada meses antes dos seus festejos de 382 anos.

O Sport Club Bahia não era o primeiro clube de Salvador a ser criado, em 1931. Já existiam outras nove agremiações de futebol naquele 1º de Janeiro. Mas, inspirada na sua cidade-mãe, aquela que fora vitrine da sociedade brasileira por longos anos, era o Bahia quem tomaria para si, o quanto antes, o protagonismo da peleja.

Primeiro, precisou se provar um time nascido para vencer, sendo campeão baiano no ano de sua fundação - olha que coincidência, né minha Salvador? Depois, sendo abraçado por uma

massa de soteropolitanos que, representados pelas cores azul, vermelho e branco, bateram no peito em algum momento da vida para, aos quatros ventos, bradar: "Sou de Salvador, pai, sou Bahêa!"

Mas faltava algo ao Bahia, que fizesse sua terra-mãe, a primogênita entre as capitais nacionais, olhar marejada com as águas da Baía de Todos os Santos e reconhecer: "Puxou a mãe!"

E não teve outra! Como filha de guerreira, guerreira é, a esquadra tricolor desembarcou no Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, sucedendo Salvador, para brilhar no dia mais importante da nossa cidade: 29 de março de 1960. Dia da primeira capital do Brasil. E como diria esse jornal de Fortaleza abaixo, dia do Primeiro Campeão Brasileiro.

Salvador era novamente pioneira! Que baita presentão de aniversário, hein?



E. C. BAHIA: 1.º CAMPEÃO BRASILEIRO

DERROTANDO ONTEM NO MARACANÃ O SANTOS, O TRICOLOR BAHIANO CONQUISTOU DE MANEIRA BRILHANTE (TRÊS A UM) A «TAÇA BRASIL»



CEARA SOB NOVA AMEAÇA

AVOLUMAM-SE AGUAS AÇUDE DO BANABUIU

59 É NOSSO



Rafão

 @eusourafao

 @therafao

MAS CONTINUA...

A expansão e o orgulho entre Salvador e o Esporte Clube Bahia continuavam, com anos e anos de conquistas regionais e exibições internacionais poderosas, que não liberaram nem para bravos bávaros nos anos 1960 - vide o Bayern de Munique e um sacode de 6x1 do tricolor em terra alemã. Alemães esses que, em 2014, se sentiriam em casa às margens da Baía, para se tornarem campeões mundiais e devolverem a goleada em certa seleção aí.

O Bahia foi o primeiro brasileiro também a desbravar oficialmente partidas em terras de libertadores sul-americanos. Continuou disputando favoritismo e pioneirismo, mas, assim como Salvador foi perdendo popularidade com a coroa portuguesa para deixar de se tornar capital, o Bahia foi perdendo prestígio dentro de campo. Fruto de más organizações e interesses escusos que deixaram o clube à margem da falência, bem como nossa capital, que por anos ficara abandonada por gestões hereditárias.

Como estamos tratando, neste texto, a relação entre clube e cidade como maternal, aquele bendito cordão umbilical que rompem no parto, desta vez não se rompeu. E os efeitos disso são completos laços de humor, personalidade e companheirismo que se confundem dia após dia, inúmeras vezes, entre um e outro.

É a cidade quem sofre quando o Bahia perde em campo. E é a cidade quem vibra quando o Bahia levanta aquele bendito tento no apagar das luzes da Fonte Nova - a mesma Fonte que tem servido como poste de luz da esperança de milhares de soteropolitanos que clamam pela vida. Aquele maldito pioneirismo que já foi nossa especialidade em outros tempos não está mais aqui. Novamente fruto de uma má administração, agora sediada lá em Brasília, que parece querer nos levar de volta à terceira divisão.

É osso! Mas, ninguém desanima por aqui. Porque ser Bahia é acreditar até o apito final, principalmente quando o jogo é em casa, quan-

do é em Salvador, onde o time é sempre carregado por uns milhões de soteropolitanos que saem dos quatro cantos da cidade baixa e da cidade alta para empurrar com um mesmo sotaque o motor principal do seu amanhã. Aquele que fará Salvador sorrir ou chorar no dia seguinte. Ou, como diria o anúncio do grupo imobiliário no jornal abaixo, é o que fará a obra andar ou parar na cidade.

Reprodução - Cadernos da Bahia

**QUANDO O BAHIA GANHA,
A OBRA ADIANTA. QUANDO
PERDE, ATRASA.**

Obrigado Bahia. Este ano vamos entregar todas as nossas obras antes do prazo.

CIPLAN PROMOV PROMOV

PROPAGANDA

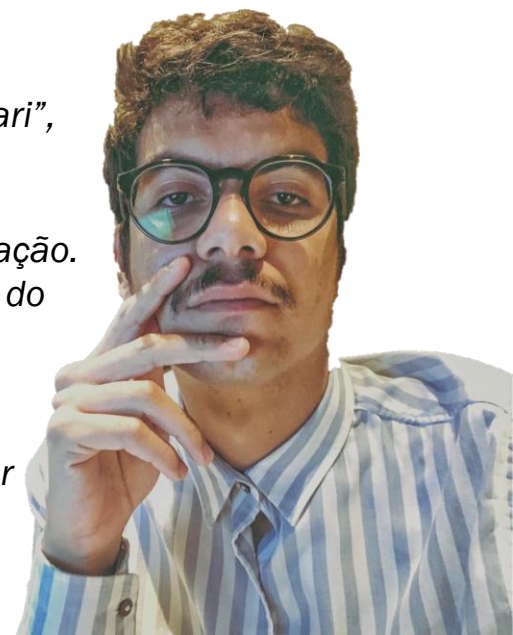
Anúncio esperto da DM-9, em 1981, quando o Bahia começa a caminhada para o tetra, depois de perder a chance do octa, em 1980. O cliente é o grupo imobiliário Ciplan e a peça publicitária faz uma sacada legal ao fato de os operários da construção civil diminuírem a produtividade quando o Bahia, "o time do povão", vai mal nas competições que disputa.

A cerveja "agua", o caruru azeda e o mar fica revoltado quando o time vai mal. Em compensação, o sol brilha, o motorista do buzu é gentil e sorridente, o baleiro faz promoção e as ruas ficam banhadas de três cores quando o Bahia broca.

Enfim... essa relação entre time-cidade é a mais íntima e umbilical que existe por aqui. Afinal, quando o Bahia ganha, quem ganha é Salvador.

Pois, então, 'umbora' Bahêa!

**"Soteropolitano de Camaçari", Faustino Menezes é tricolor, músico, ativista cultural e jornalista em contínua formação. Eleito criador de tendências do Spotify e inimigo público do presidente da república no Twitter. Seu hobby predileto é destampar uma e degustar a peleja.*



A CAMINHO DA FONTE



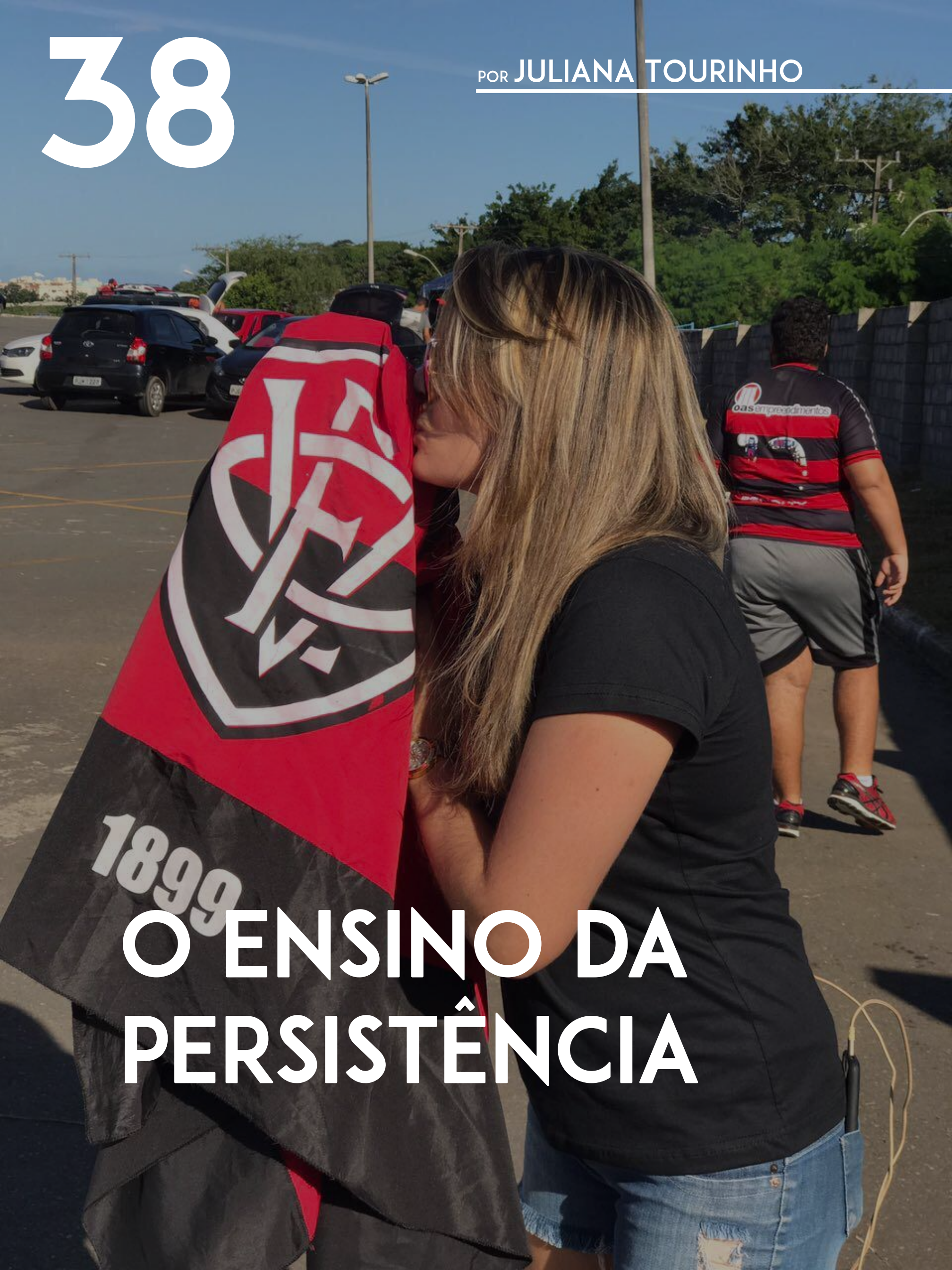
Rafão

 @eusourafao

 @therafao

38

POR JULIANA TOURINHO



1899

O ENSINO DA PERSISTÊNCIA

Como a experiência de torcer por seu time reflete a relação com sua cidade? De imediato achei que seria uma das coisas mais fáceis de colocar em palavras, afinal de contas ser Vitória e ser soteropolitana são coisas óbvias, fazem parte da minha existência. Ledo engano.

Ensaiei, escrevi, apaguei, pensei. Então resolvi começar do começo, como dizem por essas bandas. E o começo é que eu era Vitória antes mesmo de botar o corpinho nesse mundo. Sim, eu sei: todo pai (e mãe, por que não?) apaixonado por futebol já planeja a vida no estádio junto ao rebento – embora acidentes de percurso, por assim dizer, possam ocorrer.

Mas no meu caso casou de o desejo de meu pai ser muito bem aceito por mim e eu frequentei e me habituei a estádio muito antes de ter consciência do que era o privilégio da baianidade nagô. Ainda pequena aprendi o que era conviver com o oposto, na alegria e na tristeza. O valor de um sonho se tornar uma realidade a pequenos passos, com muito suor, vendo o potencial para a beleza e grandeza onde muitos só viam coisas ruins. É pedir ajuda ao inexplicável, é fazer ateu fazer promessa pra ganhar clássico, é a esperança de um resultado favorável em tempos desfavoráveis.

“Mas o que tem a ver alhos com bugalhos, criatura?”. Explico: é do baiano manter sempre um sorriso no rosto, mesmo quando a coisa não anda lá essas maravilhas. É a esperança que vive mesmo quando a razão insiste no contrário. É ser o sagrado e o profano assim, tudo junto e misturado, e saber que se não der pra resolver com um acarajé, uma praia ou um por do sol no Humaitá, então é de fato um problema. E tudo isso de certa forma o Vitória me ensinou sem eu nem saber o conteúdo da aula que estava assistindo.



No Barradão em dia de acesso do futebol feminino rubro-negro à primeira divisão do Campeonato Brasileiro. Junho de 2018.



O Vitória me ensinou a persistência por algo que nem a gente sabia direito o quão importante seria quando olhou pra um aterro e resolveu que ali o leão ia fazer sua toca. É sobre ouvir desaforo e se manter inabalável, assim como muitos baianos e nordestinos que estão por esse Brasil afora escutam, mas sabem o valor da sua casa, de botar o pé na areia da praia. É olhar cada canto da cidade e enxergar beleza – mesmo que ao chegar mais perto as trincas estejam ali. Não é sobre ser o melhor, maior ou mais importante e sim sobre o valor que tem por ser um pedaço de quem você é.

E mesmo quando os “tempos desfavoráveis” que citei lá no início, há um aprendizado e ensinamento. Em momentos incertos, nos quais nossa identidade como rubro negros e nordestinos parece estar sendo colocada em escrutínio, batemos no peito e reforçamos nosso dizer: temos grande valor, não tememos e estaremos contigo. Em tempos tão incertos como o que vivemos em nossa cidade (e país), nosso sentimento segue, sem lógica ou explicação, movidos pela fé que anos de arquibancada nos ensinaram: vai passar.

Porque a leveza do baiano misturada com o sangue rubro negro é uma das coisas mais incríveis e mágicas – assim como nosso santuário – que existe. É querer contar os artistas que torcem pro Leão, é querer saber logo o time quando alguém aparece no cenário nacional, é se orgulhar de cada pequena ação além das quatro linhas que vai impactar a sociedade, é ver as nossas cores em qualquer adaptação relacionada a cidade porque no fim, para nós, somos um só.

No Barradão com o pai e o irmão.
Família rubro-negra na segunda casa.





Mas eu falei um monte e sinto que falta um depoimento mais direto, estilo “arquivo confi-dencial” (deus me *dibre* do que sairia disso na vida real). No fim das contas acho impos-sível separar de forma direta como torcer pelo Vitória impacta na minha relação com a cidade.

Eu sei que vejo meu time em todos os cantos, seja nas comemorações ou nas decepções. Cada vez que pego um manto sagrado e coloco pra dar uma volta sinto a responsabilidade de representar independente de momento em campo.

Viajar de avião com a camisa do Vitória é sagrado pra mim, pelo menos em um trecho, para reforçar o orgulho em falar “soteropolitana & rubro negra”. É suar litros quando alguém me pede pra falar dele por receio de macular a minha condição de rubro-negra soteropolitana. Mas, acima de tudo, por termos vivido bons e maus momentos, meu time me ensinou a ver o lado bom em absolutamente tudo, em saber dar um tom de piada (não se deixe enganar que por estar rindo eu não estou fula da vida) e saber que dessa vida a gente tem que aprender a rir e a chorar, mas que tudo no dia seguinte parece melhor e que uma solução está em nosso alcance.

E essa lição eu carrego no peito para saber viver minha cidade, que além de primeira capital do Brasil tem um lugar cativo em meu coração.

**Juliana Tourinho é soteropolitana, rubro negra, engenheira e, nas horas vagas, cinéfila e louca das séries. Sigam-me os bons!*

42

POR GABRIEL GALO

PERFIL TIAGO QUIRINO TROCCOLI



A notificação por mensagem direta surpreendeu. Embora o perfil @soterografando seguisse curva de crescimento orgânico, Tiago Quirino Troccoli jamais poderia imaginar que o perfil oficial do Instagram entraria em contato. Na mensagem, um pedido para que republicassem uma foto dele em que 3 garotos saltam do alto do **Farol de Humaitá**, na Cidade Baixa, em Salvador. A impressão é de estarem voando. A imagem foi compartilhada pelo perfil mundial da rede e também pelo perfil brasileiro. O resultado?

“Foi uma loucura. Ganhei mais de 5 mil seguidores de uma hora pra outra. E as mensagens que eu sempre gostei de responder na hora, eu não estava mais dando conta. Depois dali, foi as coisas crescerem muito rápido.”

Tiago é nascido e ainda reside no bairro de Brotas, onde mora com a avó desde que os pais se mudaram para Saubara, cidade no Recôncavo a 94km de Salvador.

“Sou menino de vó. Nasci em 26 de julho, dia de Nanã.”

Por volta dos 17 anos, teve contato com um livro que mudaria a sua vida: **Retratos da Bahia**, de **Pierre Verger**.

“Fiquei fascinado com o livro. Ele retratava aquilo que eu gostava e via desaparecer: a puxada de rede, os saveiros, as festas do povo de santo, o caruru de 7 meninos.”





Em pouco tempo, as aventuras com os amigos pelo mar davam lugar a maneiras diferentes de observar Salvador. Bastava ver um ângulo que lhe parecesse belo, e sem conseguir puxar pela memória foto similar, repetia “po, essa seria uma foto massa.”

Com uma GoPro que ganhou de presente, “daquelas antigas, sem uma resolução boa”, encontrou na família o caminho para que testasse suas aptidões.

“ESTÁGIO” NA UMBANDA

Foi o tio de Tiago, Pai Raimundo Troccoli, do Centro de Umbanda Paz e Justiça, que abriu as portas para que o jovem se iniciasse na fotografia. Sob o olhar atento do tio, Tiago aprendeu a direcionar a lente de sua câmera sem interferir nos ritos. Assim, passou a registrar com afincos – e a pedidos – a rotina e as celebrações do Centro.

Este aprendizado na interação em momentos de zelo religioso Tiago leva até hoje. Mas sempre há espaço para aprender.

“Sempre que eu vou à Feira de São Joaquim com **Pedro Nunes** eu fico impressionado. Porque Pedro tem um jeito especial de conversar com as pessoas, de abordar, para depois bater a foto. E quando eu me dou conta eu nem estou batendo foto, mas assistindo a Pedro me dar uma aula – sem ele saber – de como fazer uma foto.”

RESPEITO PELOS MESTRES

A veneração a Verger é compartilhada com outros colegas de profissão.

“A fotografia baiana é muito rica. Tem muita gente talentosa fazendo fotografia na Bahia,. Eu ainda tenho muito a aprender, então vou buscando referências nas fotos de Pedro Nunes, **Roberto Faria**, **Ricardo Sena**, de **Luciano Andrade** – que infelizmente nos deixou essa semana. E ainda acho estranho quando recebo convites para entrevistas. Tem muita gente na minha frente.”

E na reverência, Tiago revela uma comunidade de fotógrafos que se ampara e se dá força mutuamente.

“A gente se ajuda muito. Recebi muita dica desde o começo. De luz, de composição, de ângulo, do que você imaginar. É um pessoal sempre acessível, disposto a ajudar. Com o tempo, todo mundo acaba se conhecendo, porque estamos nos mesmos eventos sempre. E aí a troca acontece, de ideias, de contato, um passa a seguir nas redes sociais. Um vai dando a mão pro outro.”

O INÍCIO DO @SOTEROGRAFANDO

“Tem uma foto do Luciano Andrade que pra mim é especial. Ele fotografou o Filhos de Gandhi no Pelourinho nos anos 1980. Mas eu não consegui romper a barreira. Eu adoro o Carnaval. Chega o Carnaval eu vou pra pipoca e esqueço a fotografia”

FILHOS DE GANDHY. PELOURINHO. ANOS 80.



FOTO: LUCIANO ANDRADE

Foi justamente a separação entre o Tiago fotógrafo e o Tiago folião que fez surgir o perfil @soterografando, no Instagram, que se aproxima dos 23 mil seguidores.

“O nome surgiu naturalmente. Eu precisava de um perfil para fotografia porque no meu perfil pessoal tinha muita foto e interação que não é o público-alvo da fotografia.”

A segmentação do perfil profissionalizou a atuação de Tiago ao ponto de o perfil pessoal quase não ter mais atenção.

FOTÓGRAFO PROFISSIONAL

A GoPro é passado. Mas mesmo com sua Nikon D7100, Tiago ainda não se considera exatamente um fotógrafo profissional. Como atividade principal, administra os imóveis da avó, de onde tira o sustento.

Mas a fotografia lhe provê, além da satisfação pessoal, também parte da renda.

“Eu vendo algumas das minhas fotos. Para isso precisa de toda uma preparação, um cuidado. Elas são impressas no estúdio de Claudio Colavolpe, com papel especial, tinta especial de pigmentação mineral, manuseio com luvas para não engordurar a fotografia. E tem de todos os tamanhos, com moldura ou sem moldura.”

Cada exemplar parte de cerca de R\$ 1.000 (mil reais) para tamanhos menores.

Mas até chegar a este ponto, Tiago teve por um momento em que pôde, enfim, se sentir um fotógrafo profissional.

“Eu estava cobrindo a Regata João das Botas e fui para dentro d’água com meu equipamento. É um processo complicado. Tem muitos barcos em volta, outros fotógrafos na água e eu ali preocupado em preservar o equipamento, em conseguir flutuar, em estabilizar a câmera; O fotógrafo fica muito exposto ali. Foi quando eu fiz a foto que uniu uma das minhas paixões, o

Saveiro, e um dos ícones de Salvador, o Farol da Barra. Quando eu a vi, eu percebi que tinha feito algo que eu nunca mais vou fazer igual. A altura da onda deixando visível somente as velas do saveiro, o Farol entre elas, o alinhamento. Naquele instante eu vi que eu realmente era um fotógrafo de verdade.”

REGISTRO DOCUMENTAL DA HISTÓRIA

Talvez a hesitação em se dizer fotógrafo venha justamente dos motivos que o levam a fotografar. Expõe um receio, para o que tenta ser uma parte da solução. E revela uma frustração recente em tempos de Covid.

“Mais do que ganhar dinheiro ou fama com a fotografia, eu quero fazer um registro documental da história de Salvador. Especialmente com relação a tradições que estão se perdendo, como a puxada de rede, as mulheres que tratam sardinha em São João do Cabrito, o Nego Fugido no Recôncavo. Até mesmo o caruru de 7 meninos tem sumido. Eu tenho medo mesmo que estas tradições se percam, desapareçam. Por isso eu tento fazer a minha parte, mesmo que pequena. Eu quero que as minhas fotos sejam, como as Verger, referências para que daqui a 50 anos as pessoas saibam da realidade de agora, ajudando a manter essas tradições vivas. Quando eu vou à Ponte do Crush, eu conto aos meninos a história da Ponte, porque ela era importante, o que ela representa na história. Ela tem que ser mais do que uma ponte de onde eles saltam e dão piruetas na maré alta.”

“Eu estou saindo da Covid. Estou morrendo de vontade de fotografar Salvador vazia durante a pandemia. E eu fiz isso no começo, mas o HD com as fotos queimou. Doeu... É um registro necessário para o futuro. Salvador é linda e temos uma oportunidade única de retratar uma metrópole parada.”

Tiago é fotógrafo raro, em técnica e alma. Não há dúvidas de que daqui a 50 anos, serão suas as fotos historiográficas de tradições mantidas.





BOM JESUS DOS NAVEGANTES NA GALEOTA





PONTE DO CRUSH





A ÚLTIMA VIAGEM DO TREM DO SUBÚRBIO



52

POR GABRIEL GALO

A photograph of Ricardo Caian, a man with a beard and a blue and black striped polo shirt, smiling and looking out of a window. He is leaning on the windowsill. The background shows a window with white shutters and a grey wall.

ENTREVISTA RICARDO CAIAN

Em outubro de 2018 eu lançava o meu primeiro livro de contos e crônicas, o “Futebol é uma Matrioska de surpresas”. Noadia, colega da turma de Direito da UFBA de meu pai, falecido pouco mais de 2 anos antes, tinha garantido o dela e o do filho. Mãe-coruja, garantiu que eu fosse assistir ao espetáculo “Amor Barato” no Teatro Itália, no centro de São Paulo, pois a temporada findava. No palco, o filho comandava a guitarra e parte da produção musical.

Depois do espetáculo, fomos eu e minha esposa dar um alô. Ali eu era apenas, apesar da idade mais próxima da dele, o amigo da mãe.

Esta aparente estranheza se desfez dias mais tarde, quando Noadia veio a São Paulo e um jantar foi marcado em minha casa, regado a cupim na manteiga, aipim cozido, banana-da-terra frita e um papo para lá de descontraído.

Naquele dia, enfim, conheci Ricardo Caian.

Dono de um sorriso quase de criança, Ricardo é tipo de gente de quem nos tornamos amigos com facilidade. Ou pelo menos queremos que assim seja.

Empanturrados, Caian busca o meu violão Taylor que fica sempre à mão na sala e nos oferece um pocket show particular, para orgulho incontido de Noadia.

Dias mais tarde, nos encontramos novamente, dessa vez na casa de amigo de infância de Caian, também baiano morando em São Paulo. No menu, uma lagostada trazida por Noadia desde a Bahia e que tinha que ser consumida com urgência e sem moderação. Cumprimos à risca a demanda. Juntou-se a nós o pequeno Guigui, futuro chefe da humanidade, menino prodígio.

De volta a Salvador desde o começo da pandemia, Caian concedeu entrevista para falar de sua trajetória de compositor, instrumen-

tista, cantor, produtor musical, e do seu novo álbum, previsto para ser lançado em junho deste ano.

Gabriel Galo: Caian, quando você começou a se tornar músico?

Ricardo Caian: Eu cresci numa casa muito ligada em música. Sempre tinha música tocando. E meu pai e minha mãe, quando tocava alguma coisa de que eles gostavam, me chamava e me explicavam quem era, o estilo. Isso foi me formando como ouvinte.

GG: Qual foi sua primeira experiência de palco?

RC: Nossa família frequentava a Igreja Batista. Era rotina estar na igreja, e quase toda igreja tem uma banda, né? Eu já fazia aula. Aí com 13 anos me convidaram para subir no palco e tocar com a banda. Nunca mais saí de um.

GG: A partir de que momento você decidiu ser músico?

RC: Foi natural. Eu, depois que eu descobri o que era ser músico, sempre quis ser músico. E isso tinha outros benefícios. Na escola, por exemplo, eu era o artista. E por isso tinha muito menos cobrança por nota. (risos) Eu adorava aquilo! Nessa época eu já compunha minhas primeiras músicas. Queria ser artista autoral, ter a minha banda de rock.

Aí em 2009, quando a UFBA abriu a primeira turma de Música Popular, dentro de uma faculdade tradicionalíssima e reconhecida como é a de Música, não tive dúvidas.

GG: Como foi esse período?

RC: Foi incrível. Eu tinha aula com referências musicais da Bahia num dia, e no outro a gente tava tocando uma *gig* junto.

GG: E a vida depois como músico formado?

RC: Cara, eu sempre quis ser músico autoral, né? Mas é aquelas, no começo a gente toca o que pintar, toca onde chamarem. E isso foi importante porque eu conheci muita gente. E eu ia me botando no que pintasse.

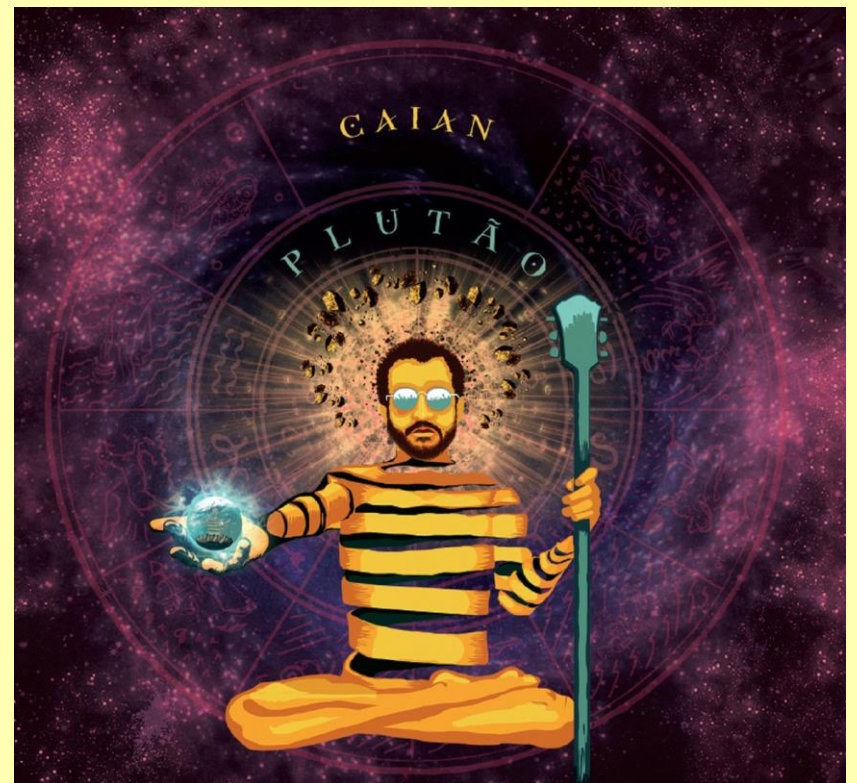
Em 2012 eu entrei no Novos Baianos F.C., banda que tem como líder o filho de Galvão, e tocamos com todos eles, Baby do Brasil principalmente. E pra mim foi especial demais tocar guitarra com Pepeu.

Foi assim que eu fui sendo chamado para fazer outras coisas, como teatro musical, por exemplo. Nesse mesmo ano de 2012 eu fui diretor musical, guitarrista e cantor da peça “Dissidente”, do grupo Teatro da Casa e fazia parte da banda da primeira versão de “Amor Barato”, espetáculo no qual virei assistente de Direção Musical e também cantor em 2018. O mais incrível é que as duas peças foram finalistas, dentre quatro, do Prêmio Braskem de Teatro daquele ano.

GG: E o seu trabalho autoral?

RC: O meu primeiro EP, “[Transito](#)”, tinha 6 músicas e foi lançado com minha banda, os Beduínos Gigantes, no fim de 2011.

O meu primeiro álbum mesmo, completo, foi o “Plutão”, lançado em 2016. Com ele fui finalista do Prêmio Caymmi de Artista Revelação.



E estou em fase de produção do meu 3º disco, “Paixão e outras drogas”. Ele foi gravado a maior parte na Toca do Bandido, no Rio de Janeiro, mas também teve sessões em São Paulo e aqui em Salvador. Aliás, aqui em Salvador, Arthur Romio, que está produzindo o disco, conseguiu trazer Otto pra gravar uma música com a gente, uma operação danada por causa da Covid. Mas deu tudo certo.

GG: Caian, o mercado de música da Bahia é muito focado em certos ritmos, e meio que fecha as portas para outros estilos. Como navegar nesse ambiente?

RC: Salvador tem um histórico, uma cena do rock muito ativa, importante. É difícil fazer com que uma banda ou músico consiga se projetar, criar seu público fiel, que consome a banda, que paga pra ver, sabe? Eu fui buscando meu espaço abrindo shows para outras bandas, por exemplo. E passei a usar as rádios baianas para impulsionar novos lançamentos – na medida do possível. Algumas bandas têm um público cativo, como a Cascadura. Já Pitty e Baiana System conseguiram romper a barreira e formaram público nacional. É difícil demais, mas é possível. E ter essa cena do rock forte em Salvador é importante.





Aliás, essa é uma coisa que eu evitava, de dar um gênero para minha música. Mas meio que assumi o rock. Então o “Paixão e outras drogas” vai ser um álbum de rock.

E como eu tenho todos os meus outros projetos, no teatro, de produtor musical, como professor de música e como músico em bandas, eu acabo andando em muito lugar diferente e assim acho meu canto.

GG: Você é guitarrista da banda de Baco Exu do Blues desde 2019 e teve outras experiências similares, mas nada deu tanto destaque quanto isso, certo?

RC: Isso. Eu fui guitarrista do Trio Virgulino por 5 anos, quando eles faziam a turnê de São João. Mas trabalhar com Baco dá outra dimensão ao trabalho. Ele é o artista da vez. Tenho um baita orgulho de estar com ele. E de repente eu estava fazendo shows para 10 mil pessoas, solando, cantando de vez em quando também.

E isso me fez lembrar de uma passagem que me emociona muito.

Eu cresci admirando Herbert Vianna, do Paralamas do Sucesso, meu ídolo. Se alguém falava que ele não cantava bem, nossa, eu defendia! Ele tem uma voz meio rouca, e eu também, acho que rolava uma identificação. Ele era o que eu queria ser: um líder de sua própria banda, fazendo sua música, tocando para dezenas de milhares de pessoas.

Eu estava no aeroporto logo cedo. A gente tinha tocado poucas horas antes, foi um baita show. E aí passa do meu lado o Herbert Vianna. Minha guitarra estava no caminho, ele pediu pra tirar, claro, eu tirei. E comecei a tremer. Emocionado, cara. O pessoal da banda veio perguntar o que tinha acontecido. E o negócio é que eu me toquei naquela hora que eu estava vivendo o meu sonho.

Tudo bem, não era líder da minha própria ban-

da, mas eu vivo de música, estava viajando o Brasil todo fazendo música, solando em shows para dezenas de milhares de pessoas.

GG: Mas tudo isso parou por causa da pandemia. Você voltou para Salvador, casou. Como essa pandemia tem afetado seu trabalho?

RC: Olha, eu não tenho do que reclamar. Nessa pandemia, a Lei Aldir Blanc foi fundamental para socorrer e manter vivos vários projetos. Projetos, aliás, de que eu faço parte. Eu vivo bem com a minha arte. Mas isso é temporário. No começo da pandemia, recebi auxílio emergencial. E não sei o que será depois de que estes projetos vencerem.

Tem muitos ajustes a serem feitos. Os prazos de entrega dos projetos precisam ser prorrogados, mas este governo não liga pra nada. Todo mundo teve que adaptar os projetos para uma nova realidade. Não tinha mais turnê, palco, nada disso. Tudo virou digital, e ninguém sabia direito como isso ia funcionar.

Meu próximo álbum, por exemplo, vai ter um documentário de preparação. Mas isso não é suficiente. Porque música não se faz só no digital. Precisa do palco. Precisa do contato direto com o público.

Subir no palco é como saltar de paraquedas. Sobe uma adrenalina incrível, a gente vê o público, sente a vibração. É uma sensação maravilhosa.

“

De tudo o que eu faço, estar no palco é um êxtase insuperável.

”

E eu sei que esta pandemia está sendo ruim pra todo mundo. Para nós, músicos, tem um agravante: as casas de show estão falindo. A gente não vai ter onde voltar a tocar.







E pra mim estava tudo indo bem, né? Fazendo turnê com Baco pelo Brasil todo. Mas aí PAN ... demia.

Voltei a Salvador para o casamento de minha irmã. Logo depois fechou tudo, fiquei 'preso' na cidade. E agora quem está casado também sou eu. Virou tudo de cabeça pra baixo. Mas estou feliz demais.

Só que assim como o palco faz falta para o músico, a gente vai sentindo falta de contato. Sinto saudade de ir a um show com Paula (Paula Berbert, sua esposa), de juntar os amigos, de conviver. A gente precisa disso.

GG: Paula é também sua parceira no projeto Despir o Tempo, certo? O que é este projeto?

RC: Po, que massa você ter perguntado isso. Este é mais um projeto que precisou se reinventar no meio digital. Quando feito em palco, era um espetáculo em que cada artista fazia um strip tease que evidencia o traçado de sua carreira artística. Por exemplo, despia o figurino de cada peça de que participou.

Mas quando o espetáculo foi para o meio digital, tinha que ter uma organização maior. E então eu compus a trilha e fiz a montagem digital, adaptando a peça a este novo formato, que era desconhecido para todo mundo ali.

O formato foi ajustado ao de Stories - com ingressos vendidos no Sympla e divulgação pela lista de melhores amigos do Instagram da produtora Dimenti, de que Paula é assessora de comunicação. E adaptamos também o conceito, de um strip tease mais longo e com menos intimidade dos palcos para os nudes íntimos gravados na vertical na casa de cada artista. Até o nome do espetáculo foi atualizado, passando a se chamar "Web-Strips".

GG: E agora, Caian?

RC: Agora é finalizar o "Paixão e outras drogas". Ele seria lançado em junho de 2020, atrasou um ano, por causa da pandemia.

Sou também produtor e diretor musical de "Estereótica", projeto novo de meu amigo Pietro Leal, show que vai ser lançado no Youtube dia 1º de abril.

De resto é controlar a ansiedade e torcer para que os projetos incentivados sejam renovados ou que tenham os prazos estendidos. Isso já ajudaria demais. De preferência, mudando o governo que aí está. Assim, quem sabe, temos uma chance de voltarmos ao normal.

18

dimenti apresenta
DESPIR O TEMPO



WEB STRIPS

vol I 4 de março
vol II 6 de março

Fábio Osório Monteiro | Jaqueline Elesbão
João Rafael Neto | Jorge Oliveira
Lia Lordelo | Neto Machado

direção: Jorge Alencar
codireção: Larissa Lacerda e Neto Machado

Exibição exclusiva para "Amigos próximos" do Instagram @dimentiproducoes
Adquira seu acesso privado . R\$ 5
www.sympla.com.br/dimentiproducoes

Apoio financeiro

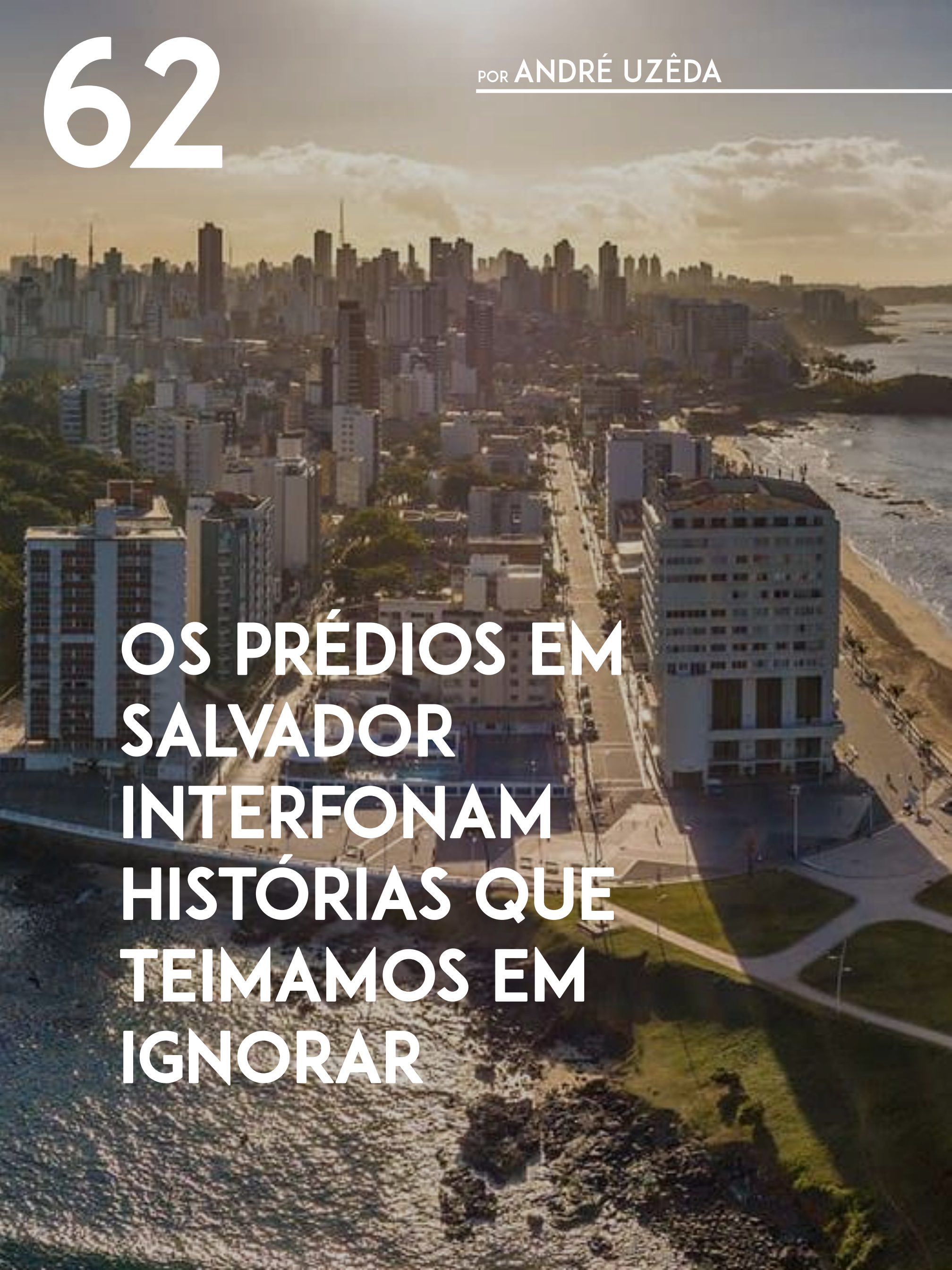


APOIA.se
/PAPODEGALO



62

POR ANDRÉ UZÊDA



OS PRÉDIOS EM SALVADOR INTERFONAM HISTÓRIAS QUE TEIMAMOS EM IGNORAR

Fortaleza colonial, cemitério de povos originários, tablado renhido de inúmeras revoltas sociais, Salvador descuida de toda crônica que não seja oficial ou folclorizada em seus próprios ditames. Para cada Vila Caramuru, plenamente gentrificada, há uma Iara Lavelberg ou Ruth Cardoso silenciadas em esquinas banais.

A história da cidade no século XX, ironicamente o período de advento de novos meios de comunicação de massa e (imagina-se) maior circulação de informação, não alcança todos os habitantes contemporâneos ou de gerações próximas. Fora do circuito dos casarões históricos há uma série de prédios, muitos ainda de pé, que contam episódios insólitos da nossa biografia, mas foram acometidos pela mordada da cruel desmemória.

EDIFÍCIO JAGUAQUARA. BARRIS

Na esquina entre a Avenida General Labatut com a Rua Rockefeller, nos Barris, a tabelinha anacrônica entre o mercenário francês e o magnata do petróleo americano indica, na prática, o fim do gasto asfalto para uma caminhada sobre tortos paralelepípedos. Ao fim da andança, em uma rua sem saída, avista-se um prédio rosa, de nome Jaguaquara, morada de uma assombrosa personagem, que faria Hollywood entumecer por um roteiro de série.

Ruth Volk Cardoso nasceu em Belmonte, no sul da Bahia. O pai era dono de extensas fazendas de cacau e a mãe, dona de casa, alemã. Aos 35 anos, se tornou a primeira brasileira a ganhar o título de mestre internacional de xadrez feminino.

Bonita e charmosa, entre seu nariz afilado e olhar exultante, combinava classe e elegância. Representou o país cinco vezes nas Olimpíadas da categoria, conquistando a medalha de prata em 1972, em Escócia, na Macedônia.





Além da trajetória como atleta, ajudou a disseminar a prática de xadrez no estado, sendo fundadora – com direito a assinatura na ata de criação – da Federação Baiana de Xadrez (FBX), em 1960. Ainda na primeira infância, Ruth acompanhou os pais em mudança de mala e cuia para a Alemanha, na perspectiva de uma vida mais próspera. O erro de cálculo foi desastroso.

Pouco tempo depois, em 1939, seria deflagrada a Segunda Guerra Mundial, com os peões de Hitler invadindo o território da Polônia e, em sequência, deflagrando ataques simultâneos por toda Europa.

A família Volk, braço materno de Ruth, era de origem judia. Ela foi levada para o campo de concentração nazista, juntamente com a mãe. Lá, sofreria com as barbaridades do Holocausto, carregando sequelas definitivas que comprometeriam um dos seus pulmões. Por terem cidadania brasileira, com extremo esforço e uso de relações políticas, mãe e filha conseguiram fugir dos horrores do campo de concentração.

De volta ao Brasil, construiria sua carreira de sucesso e glórias no tabuleiro. Morreria em 2000, no prédio Jaguaquara. Absolutamente nada por lá remete à sua trajetória sublime.

*Mais no Baianidades de
20 de dezembro de 2020*

EDIFÍCIO SANTA TEREZINHA. PITUBA

Numa vizinhança com pizzaria, restaurante mexicano e salão de beleza, um atarracado prédio de três andares, na Rua Minas Gerais, na Pituba, à primeira vista, não desperta muita atenção.

O edifício Santa Terezinha, no entanto, desnuda uma das histórias mais dramáticas e viscerais do Brasil durante os sangrentos anos da ditadura civil-militar (1964-1985). Lá, foi brutalmente assassinada a revolucionária judia **Iara Iavelberg**.

Nascida em uma rica e tradicional família de São Paulo, casou-se aos 16 anos. Três anos depois, mesmo com o forte estigma da época, separou do primeiro marido e mergulhou na militância política, ainda como estudante de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).

Em abril de 1969, conhece o capitão Carlos Lamarca, que havia desertado do Exército e passado a combater os próprios milicos por meio de guerrilhas armadas. Eram os anos de chumbo no país. O Ato Institucional número 5 (AI-5) havia sido imposto em dezembro do ano anterior, cassando os direitos políticos, as garantias constitucionais e fechando o Congresso Nacional. A partir dali, a tortura seria usada como instrumento contumaz para arrancar confissões dos considerados inimigos do regime.

Em 1970, perdidamente apaixonados, Lamarca e Lara integravam a célula revolucionária MR-8 e viviam nômades para fugir da repressão. Entre tantos destinos, nos anos derradeiros, vieram para a Bahia, mas passaram a viver em cidades diferentes. Ele, em Brotas de Macaúbas. Ela, em Feira de Santana, depois no aparelho da Pituba, em Salvador.

No dia 20 de agosto de 1971, agentes do DOI cercaram todo o quarteirão da Rua Minas Gerais. Lançaram bombas de gás lacrimogênio no prédio Santa Terezinha, até que os primeiros militantes do MR-8 deixassem o apartamento e se entregassem.

Lara não se entregou. Conseguiu fugir do apartamento 201 para o 202, saltando por um vão. A fuga, porém, foi frustrada por um menino que avisou aos meganhas que havia uma mulher no banheiro de serviço do seu apartamento.

Um tiro foi imediatamente disparado e acertou Lara na altura do peito esquerdo. Nos dias seguintes, a falsificação do regime sustentou (com direito a perícia fraudulenta) que a revolucionária havia atentado contra si própria para evitar ser capturada com vida.

Por ser judia, foi enterrada em São Paulo numa área destinada aos suicidas e, como manda a tradição, com os pés voltados para a lápide, em sinal de desonra. Somente em 2003, após intensa batalha e processos judiciais para provar o crime do estado, os restos mortais de Lara foram exumados e postos no mausoléu da família.

*Mais no Baianidades de
14 de março de 2021*

MUITAS ANDANCAS. TANTOS ESQUECIMENTOS

Caminhar atento pelas ruas da cidade é conhecer tantas histórias que compõem o cabedal de narrativas que nos ampara.

No Lobato, há o lugar exato onde, pela primeira vez, encontrou-se petróleo no Brasil; na Graça, na rua da Flórida, um prédio foi construído sobre os escombros de uma antiga mansão, palco de uma chacina familiar; na Rua Waldeimar Falcão, em Brotas, duas escolas, uma do lado da outra, levam o nome de Conselheiro Luís Viana e Manoel Vitorino. Em vida, os dois políticos se odiaram amargamente e, por pirraça, alguém inventou de colocá-los um do lado do outro para continuarem se odiando entre concretos e alicerces.

Os prédios de Salvador interfonam histórias. Na hora de atender o toque, deve-se ignorar o que vem do elevador social, burocrático, administrativo. A vida acontece da rua para dentro de casa.

** André Uzêda, 33 anos, jornalista e mestre em comunicação e culturas contemporâneas. Atualmente é editor da TV Bahia e colunista do Correio (coluna Baianidades). Antes trabalhou no Jornal A Tarde, Folha de S.Paulo e TV Aratu.*



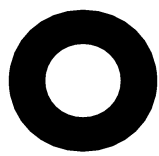
66

SALVADOR, MOBILIDADE URBANA E DESIGUALDADES



POR DANIEL CARIBÉ





transporte urbano é um grande paradoxo, ou assim deveria ser entendido pelos planejadores e gestores governamentais. Todo esforço deveria ser empreendido para promover o encurtando das distâncias entre os locais de moradia e os locais de emprego, lazer e serviços a ponto de podermos percorrê-las a pé ou, no máximo, utilizando uma bicicleta, tornando residual o uso dos meios mecanizados.

Esse esforço de reconstruir as cidades com vários centros, ou mesmo uma cidade sem centro, onde cada cidadão tenha perto de si praticamente tudo o que precisa em seu cotidiano, será um empreendimento de décadas, mas já deveria ter sido começado. Até lá, devemos fornecer condições de acesso os poucos centros existentes, porém investindo em transporte coletivo eficiente e acessível ao invés de induzir as pessoas a comprarem automóveis particulares e habitarem longe de onde trabalham ou se divertem.

Falta a compreensão de que a solução para os congestionamentos, para as poluições sonora e do ar, para os atropelamentos, enfim, para todas as externalidades negativas provocadas pelo atual modelo adotado no Brasil, não está na escolha dos modais em si, mas na forma como produzimos as nossas cidades. Essa articulação entre transportes urbanos e uso do solo chamamos de mobilidade urbana, para evidenciar que se trata de algo muito mais amplo do que a simples escolha pela melhor solução tecnológica, pois passa também por levar em consideração uma série de disputas pela apropriação dessas obras coletivas que são as metrópoles.

Boa parte das grandes cidades do mundo já entendeu que não adianta construir metrô inaccessíveis ou ineficientes, pois andarão vazios. Pior ainda é quando optam pelo **rodoviarismo**¹, duplicando as vias e construindo viadutos, elevados, túneis etc. Tudo isso tem efeitos apenas de curto prazo, porém impactos financeiros, sociais e ambientais significativos. Pouco tempo após inauguradas essas intervenções, nos encontraremos diante de engarrafamentos e de índices de poluição ainda mais elevados do que antes, além do aumento do **espraiamento**² urbano e do **insulamento**³.

Entretanto, os gestores governamentais de Salvador (Prefeitura e Governo do Estado) continuam fixados no modelo fracassado do rodoviarismo e mesmo as intervenções destinadas ao transporte coletivo não objetivam inverter a atual hierarquia de prioridades. Reproduzem assim os meios técnicos e o modelo de cidade que nos trouxeram até a atual situação de segregações social e racial brutais, legitimando os fluxos quase que exclusivamente voltados para a exploração da força de trabalho.

Digo isso porque Salvador é uma cidade de origem colonial e nem mesmo o seu exponencial crescimento nas últimas décadas foi capaz de quebrar essa identidade. Continuamos tendo elites com quase todos brancos de um lado e pobres quase todos pretos do outro. E isso se reflete no espaço, com bairros planejados e saneados para uns e o abandono e a autoconstrução para quase todos os demais. Os grandes fluxos da cidade basicamente expressam os deslocamentos dos trabalhadores residentes nos bairros populares para os bairros das classes média e alta, que por sua vez se autoisolam em condomínios.

1

Rodoviarismo é ideologia que justifica a opção pelo transporte rodoviário em detrimento dos demais modais, em especial do ferroviário. Entretanto, para além de impor que o transporte de cargas seja realizado através das rodovias, o rodoviarismo influenciou o desenho das cidades, fazendo com que elas fossem projetadas para o fluxo de automóveis particulares ao invés de priorizar os meios ativos ou coletivos.

2

Espraiamento (ou expansão) urbano é o fenômeno de crescimento das cidades em detrimento da densificação das mesmas. Graças ao espraiamento urbano, foram formadas as periferias, que podem ser tanto bairros populares quanto condomínios das classes média e alta. Esse fenômeno eleva os custos e diminui a eficiência dos transportes coletivos, induzindo a aquisição e uso dos automóveis particulares, além de potencializar o insulamento (ou imobilidade urbana).

3

Insulamento é o termo que me parece mais adequado para conceituar o fenômeno conhecido por “imobilidade urbana”. Imobilidade urbana é um termo inexato, pois ninguém está totalmente imóvel, mas em situação de não ter acesso aos transportes mecanizados (por falta de recursos, por inexistência dos modais ou por falta de motivos). Dentro das possibilidades dos seus corpos, mesmo sem recursos, as pessoas continuam se movendo pelos seus bairros.

Fora desses grandes fluxos, o ato de se deslocar pela cidade se tornou um martírio ainda maior. Por exemplo, não há linhas de ônibus pensadas para garantir os lazeres e nem as que deveriam estar conectando bairros populares. A grande maioria da população só sai dos seus bairros para trabalhar, não se apropriando assim da cidade produzida por ela durante os dias úteis, sendo essa uma das maiores alienações possíveis. Isso se soma ao insulamento cada vez maior daqueles que nem para trabalhar se deslocam, pois não têm empregos ou não têm dinheiro para pagar a tarifa dos transportes coletivos. E como as classes média e alta não utilizam os ônibus e metrô, se autoisolaram e acessam apenas os serviços e lazeres ofertados pelo mercado, elas não se encontram com as classes populares de forma alguma, formando dois mundos completamente diferentes em uma mesma cidade.

Uma mobilidade urbana pensada como algo muito maior do que um arranjo entre modais, que leve em consideração a necessidade de remodelar as cidades de uma forma que os fluxos não sejam apenas esses que refletem a desigualdade e segregação, conectaria bairros e permitiria que as pessoas se apropriassem dos espaços mais qualificados da cidade, que acessassem os melhores serviços, as melhores oportunidades de emprego, as melhores escolas e universidades, pelo menos até quando deixasse de existir a dualidade centro-periferia. Não seria o caso de intensificar os fluxos atuais, mas de construir novos fluxos ou de melhorar os atuais fluxos periféricos. E não se trataria apenas de escolher a melhor tecnologia, mas de garantir que as pessoas tenham condições de embarcar nos ônibus, metrô, **VLTs** (veículos leves sobre trilhos) e até mesmo monotrilhos quando quiserem participar e se apropriar da cidade que existe para além dos seus bairros.



Porém, em Salvador, continuam tratando os bairros populares como se não fossem merecedores de investimentos, dificultando que se transformem em novas centralidades, assim como o transporte coletivo continua sendo pensando exclusivamente para os trabalhadores mais pobres, e não dentro de uma política de transição modal e energética que faça com que o sistema de transportes coletivos tenha tarifas módicas, além de qualidade, confiança, segurança e conforto suficientes para atrair novos usuários.

Começemos pelo BRT (Bus Rapid Transit), uma intervenção promovida pela Prefeitura de Salvador. Como cartão de visitas, tiveram de cortar dezenas de árvores para construir vias elevadas. Essas vias elevadas, por onde passarão mais automóveis particulares do que os ônibus articulados do BRT, em breve se encontrarão congestionadas e, em troca, teremos um entorno completamente deteriorado e hostil aos moradores, comércios e pedestres. O que restava de cidade na AV. ACM sumirá para que os automóveis possam fluir temporariamente com um pouco mais de velocidade.

Essa é a mesma lógica da **Ponte Salvador-Itaparica**⁴, pensada pelo Governo do Estado. Pior do que a obra do BRT, que pelo menos terá uma faixa para o transporte coletivo, a Ponte servirá apenas para os automóveis. Será, portanto, uma autoestrada que despejará dezenas de milhares de veículos diariamente tanto no Centro Antigo de Salvador quanto na Ilha de Itaparica, deteriorando a qualidade de vida das populações aí residentes. A absurda promessa é de que as pessoas habitem na Ilha e venham trabalhar e consumir em Salvador, gastando horas e recursos por dia dentro de veículos, quando deveriam viver perto dos locais de trabalhos.

4

A Ponte Salvador-Itaparica é projeto controverso. Com 12,4km de percurso, custará estimados R\$ 7,7 bilhões, conforme contrato de 35 anos firmado em 12 de novembro de 2020 pelo governador Rui Costa com consórcio formado por 3 empresas chinesas: China Communications Construction Company, CCCC South America Regional Company e China Railway 20 Bureau Group Corporation. Deste valor, R\$ 1,5 bilhão será investido pelo Governo do Estado, enquanto caberá ao grupo chinês o investimento restante. Como contrapartida, o consórcio poderá cobrar pedágio de R\$ 45 por veículo durante 30 anos.



O **Monotrilho do Subúrbio**⁵, que é vendido como se fosse um VLT por conta da gambiarra que o governo do Estado teve de inventar para não assumir que a licitação foi fracassada, traz consigo problemas ainda mais graves, pois não leva em consideração a população que passará a viver embaixo das vigas de concreto dessa intervenção. E como falar do modelo de financiamento do transporte coletivo virou um tabu, boa parte da população sequer terá dinheiro para acessar o modal que passará vazio sobre as suas cabeças.

Todas essas intervenções citadas se somam ao metrô, às linhas Azul e Vermelha, à Nova Rodoviária etc. como ações que, apesar de terem muitos impactos positivos, são impostas sem que antes seja aberto diálogo com as comunidades afetadas, com movimentos sociais, com os intelectuais e os especialistas que dedicam a vida a apresentar propostas para a nossa cidade. Como os custos delas não são baixos, ao contrário, corre-se o risco de comprometer seriamente a capacidade de investimento da Prefeitura e do Governo do Estado para as próximas décadas, estrangulando os futuros governos que, por sua vez, se encontrarão impossibilitados de implementar projetos com real capacidade de resolver parte dos problemas de mobilidade urbana, por mais simples e muitíssimo mais baratos que possam ser, a exemplo dos ascensores, transportes marítimos, ciclovias e requalificação das calçadas. Ou mesmo de fazer apostas mais ousadas, porém com uma capacidade incrível de diminuir as desigualdades e as segregações, a exemplo dos subsídios ao transporte coletivo praticados em quase todas as grandes cidades do mundo.

5

O trem do Subúrbio, que liga a Calçada a Paripe, fez sua última viagem no sábado, 13 de fevereiro de 2021, após mais de 160 anos de operação. Abandonado tanto pela Prefeitura quanto pelo Governo do Estado, o trem não tinha ligação com a Cidade Alta. O preço da passagem, contudo, de apenas R\$ 0,50, era atrativo para o trânsito local. O trecho será substituído por um sistema de VLTs que se estenderá na Fase 1 por 19,2km, indo do Comércio à Ilha de São João, na cidade de Simões Filho. As obras estão previstas para durarem 24 meses, a um custo estimado total de R\$ 2,5 bilhões.

O Monotrilho do Subúrbio traz consigo problemas ainda mais graves, pois não leva em consideração a população que passará a viver embaixo das vigas de concreto dessa intervenção. E como falar do modelo de financiamento do transporte coletivo virou um tabu, boa parte da população sequer terá dinheiro para acessar o modal que passará vazio sobre as suas cabeças.

**Daniel Caribé é administrador público e doutor em arquitetura e urbanismo. Atualmente é um dos coordenadores do Observatório da Mobilidade em Salvador.*



GOLDEN GOAL



SALVADOR.

BY FLORIAN GOPPOLD



5 DE SETEMBRO DE 2014

74

POR NÍLSON GALVÃO

BARRA CIRCULAR

aquele cheiro da
manhã no ponto
de ônibus do porto
da barra cheiro de
sol de laranja
falsificada no saco
de frescos
fosforescente
cheiro de suor dos
garis dos guris da
rua da boca
de lobo sugando
tudo para
o submundo e então
vomitando o avesso
de tudo bem no
rosto de quem desce
os degraus do
transporte vindo da
baixa de quintas
vindo da rodoviária
vindo de qualquer
lugar em que o mar



não chegou ainda
mas um dia chega
você pisa no asfalto
se desequilibra na
borda da boca de
lobo seus dentes de
ferro a boca do inferno
bem ali onde um
certo pereira tropeçou
mirando a ilha dos
índios nós os índios
de terras longínquas
nossa ideia mongoió
da vida diante daquele
paradoxo do cheiro
agridoce que vem
com a brisa do mar
oceano misturada
com os ventos do
interior porque por
trás da ilha naquele
horizonte emana
veja só o sertão.

* *Nílson Galvão é Mestre em Comunicação e Política pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia. Poeta, é autor de Caixa Preta (2009), Ocidente (2012), O espiritismo segundo o google street view (2017) e #nibrotas (2020).*

76

POR FRANCIEL CRUZ

O OLHAR ESTRANGEIRO

Hector Bernabó, o Carybé
Foto: Acervo Instituto Carybé

Sou baiano, mas não pratico.

Durante séculos, esta foi a muleta retórica na qual me escorei para tentar driblar o espectro que aqui assombrava: o espectro da baianidade.

Desde que desembarquei em Salvador, há pouco mais de mil anos, evitei ser cooptado. Alma sertânica não rima com rendição.

Sou baiano, mas não pratico.

Repetia para mostrar que, criado no carrancismo, não iria aderir à tirania da felicidade que esta urbe tentava me impor. Tudo aqui era motivo de riso. E eu achava aquilo um quase desespero. Ou coisa pior: fingimentos.

Porém, apesar de incomodado, ou talvez exatamente por causa disso, também aprendi a fingir. E fingi tão completamente que acreditei. Só não consegui me libertar do olhar estrangeiro, simplificador e assustado, de quem não se sente acolhido.

Por falar em olhar estrangeiro, lembrei-me que Carybé um dia falou que “A Bahia não é uma cidade de contrastes. Não é não. Quem pensa assim está enganado”.

Eu poderia até estar equivocado, menino Bernabó, mas era isso o que sentia: uma cidade de contrastes. Você, todo lambuzado de baianidade, me dizia que “tudo aqui se interpenetra, se funde, se disfarça e volta à tona sob os aspectos mais diversos”, mas ali, nos desmantelos das ruas, becos, ladeiras e vielas, repito, vivenciava outra coisa.

Ou será que eu apenas via e não vivia a cidade? Agora, já não sei. Apenas sinto que, neste momento, que estou impedido de vivê-la é que sei o quanto já estou entregue.

Sou baiano.

** Celebridade de Irecê, Franciel é pós-graduado em dança de rato, com especialização em ingresia, além de jornalista pela Facom/UFBA. Escritor, é autor de “Ingresia” (P55, 2018).*



78

POR GABRIEL GALO

A photograph taken from an elevated position looking out through a window with dark wooden shutters. The view shows a coastal town with several buildings, including a prominent white building with a blue roof. In the foreground, there are lush green trees and a paved area. The middle ground features a harbor with a large white ship docked at a pier, and several cranes. The background shows a vast blue sea extending to a hazy horizon under a clear sky.

A JANELA

Durante uma vida, mesmo que por fração de tempo, esta foi a janela do melhor pôr-do-sol que existe. No verão, o sol que entra de través, iluminando o canto do quarto. No inverno, ele se despede de frente, imenso em fogo no horizonte sem precisão de se virar o pescoço.

O velho quarto se desfaz em rachaduras, tomado por cupinzais que vão carcomendo a estrutura. Pouca mobília a fingir normalidade. Uma cama antiga de madeira pesada, como se preparada para suportar as agruras de cada habitante que acolheu. Sobre ela, um colchão de espuma cheirando a guardado e com espessa camada de poeira na epiderme, desafio a alérgicos. Um guarda-roupa de madeira, retrô na forma e na conservação, completa o ambiente de ar que se aproxima de um voto de pobreza. A escrivaninha, receptáculo da luminosidade que transpunha luz em palavras, já não mais se vê. Ali meu pai estudava, quando de sua volta à Bahia em 2007, francês porque sim, Direito porque sonhava.

Abaixo, o túnel Américo Simas. À frente, os quartel dos bombeiros, que desperta a região com suas trombetas e cânticos de exercícios de tropa. Mais ao fundo, o Porto de Salvador, óvulo fecundo acoplado no útero que é a Baía de Todos os Santos.

Ali, pois, o sol cai. Segue seu rumo, prometendo renovar as esperanças, vãs ou não. O sol há de brilhar mais uma vez. Amanhã vai ser outro dia.

Vai. Mas vai ser outro, longe de Salvador, da Bahia, da gente que é minha, nossa.

É difícil se despedir da querência.

80

FOLHETIM

**TU ÉS O GRANDE
AMOR DA MINHA VIDA:
AS AVENTURAS DA BOLA NA
CIDADE DE SALVADOR**

por Paulo Leandro

POR PAULO LEANDRO



(CAPÍTULO 1)

O BRINQUEDO CHEGOU! ROLA O BABA!

O desporto baiano nasceu de uma necessidade de afirmação. Os ingleses não deixavam os locais jogar cricket. Os jovens nativos sofriam pirraça dos ingleses. Os súditos da rainha botavam a moral.

Os meninos da Vitória queriam jogar o tal cricket, praticado com bastão e bola, parecendo, mal comparando, beisebol. Os baianos eram reduzidos a coadjuvantes. Humilhação... 'bulin', como chamam hoje, estas perturbações.

Os ingleses aceitavam os baianos, quando faltava algum deles de bigode virado. Mas permitiam, como bons gentlemen, que os nativos buscassem a bolinha saltitante quando ela descia por alguma ribanceira. *Thank you very much!*

Os jovens do Corredor da Vitória cansaram daquela sensação de pertencimento a um mundo subterrâneo. Decidiram fundar seu próprio clube, para jogar também seu cricketsinho e dar uma merecida banana praqueles gringos nojentos.

Marcaram no casarão da família Valente, no dia 6 de maio de 1899. Se morar na Vitória hoje, é moral, imagina quando só as famílias do *high-society* podiam ter uma casona naquela artéria significativa para o pulsar da nossa liberdade.

Só que caiu um toró , e a reunião ficou pro outro domingo, aniver da libertação dos escravos que ninguém nem lembrava. Coincidiu que o Club de Cricket Victoria nasceu 13 de maio, data da famosa Lei Áurea, da Princesa Isabel.

A coincidência parece antecipar o que viria a acontecer com o clube fundado pelos jovens da alta burguesia de Salvador. Nascido entre os brancos, renascido entre os catadores de lixo, eis aí uma saga que dava para Glauber filmar.

O mesmo Vitória dos barões reinventou-se vencedor e poderoso, ao buscar sua nova identidade no lumpem-proletariado de Canabrava, onde construiu um estádio à beira-lixo do aterro sanitário de Salvador.

Voltando a 1899, o Vitória ia chamar-se Clube Brasileiro para enfrentar os súditos da rainha do Internacional de Cricket. Mas ninguém tinha camisa e calção verde e amarelo. Não tinha loja de material esportivo no Comércio...

Camisa branca e bermudão preto, todo mundo tinha: o jeito foi nascer com cara de Corinthians. Pensando bem, como o Timão nasceu em 1910, foi o 'Curintia' que seguiu o Vitória, ao trocar o rosa, sua primeira cor, pelo alvinegro.

O clube dos brasileiros nasceu com o nome de Victoria na certidão, homenageando o logradouro onde seus 19 fundadores moravam e que tem este nome por servir de chão patriótico para o desfile das tropas que libertaram o Brasil de Portugal, em julho de 1823.

Se a D. Pedro I não restou opção, senão proclamar a Independência, e os baianos venceram a guerra contra Portugal, foi o Vitória, pela via do desporto, que fez Salvador ser respeitada pelos estrangeiros.

Os alvinegros reuniam-se para bater sua bolinha de cricket, e tomaram gosto pelas regatas, tornando-se rubro-negros em 1901, por influência do carioca Clóvis Spínola, que tinha sido remador do Flamengo e viera morar em Salvador.

O Flamengo transmitiu ao Vitória as cores vermelha e preta, já utilizadas pelos remadores do Rio, muito antes da fundação do time de futebol em 1912, como uma dissidência do metido a bestão Fluminense Football Club.

Os remadores rubro-negros causavam, com façanhas comentadas em toda a cidade, como vir da Ribeira à Barra em frágeis canoas em dia de mar bravio. O remo o esporte da eugenia, melhorava a raça, quem o praticava era 'superior'.

Foi então que o estudante Zuza Ferreira, enviado a Londres pela família, para ver se tomava gosto pelo estudo e voltava mais comportado. Sem dúvida, graças ao Senhor do Bonfim, não se tratava de um menino normal, curti bagunçar e curtir.



Zuza Ferreira

MUSEU HISTÓRICO DA UFMG

Zuza não se deu com essa história de se enquadrar. Aprendeu o jogo de football, já consolidado na Inglaterra, depois de estreado nas escolas inglesas em 1853, como ferramenta da pedagogia para disciplinar os 11 alunos de cada classe.

Fertilizado na mente inquieta do professor Thomas Arnold, de quem somos devedores, o futebol foi depois adotado pelas fábricas, no auge e no berço da Revolução Industrial. Os clubes funcionavam como extensões das indústrias.

O football serviu como método para controlar o corpo e fortalecer o senso coletivo aplicado tanto nas quatro linhas do campo quanto nas linhas de montagem. Daí o apoio das fábricas ao jogo criado por prof. Arnold, em 1853.

A submissão do corpo às regras e ao senso de coletividade, típicas do 'football-association', atendeu à necessidade de implantação de uma cultura industrial que não sustentava só no relógio como forma de agendar nossas rotinas produtivas.

Zuza trouxe duas bolas e um livro de regras. Mostrou as novidades aos amigos, ali no Rio Vermelho, onde morava, em outubro de 1901. Que coisa louca esses jovens correndo atrás desse objeto pulante redondo... Ball... Bola...

A turminha de Zuza bateu os primeiros babas e, apesar de vidraças quebradas e algumas bolas nos transeuntes, conquistaram as pessoas mais bem-humoradas para os divertidos 'matches' disputados por jovens pingando de suor.

Primeiro, os jornalistas não entenderam nada. Noticiavam como distúrbio, transtorno, desordem. Até que um dos nossos ancestrais, publicou o texto do primeiro jogo oficial, com o sugestivo título 'Festas-football'.

O estilo era de coluna social e o futebol passou a ser tolerado como ponto de encontro da elite. Os jornalistas se preocupavam mais com o comportamento e o modelito dos vestidos das moças bem-nascidas desse tempo de *belle époque*.

Nem o placar, saía no jornal, tal o critério de noticiabilidade focado no comportamento da elite diante de seu novo brinquedinho europeu. Quanto foi o jogo? Que jogo, rapá? O importante era a silhueta da sinhazinha.

O prefeito Pimenta da Cunha decidiu controlar o futebol na cidade, excetuando-se cinco áreas, na Barra, no Chame-Chame, Largo do Papagaio, Rio Vermelho e Campo da Pólvora. Imaginem aí! Aqui não se pode jogar bola! Kkkkkkkkkkkkkkk

Quem quiser reverenciar a figura da ilustre autoridade, integrante do seletto clube do poder, tem a oportunidade de dirigir-se a seu busto, situado à entrada do Mercado Modelo, como homenagem pela contribuição ao esporte e à cidadania.

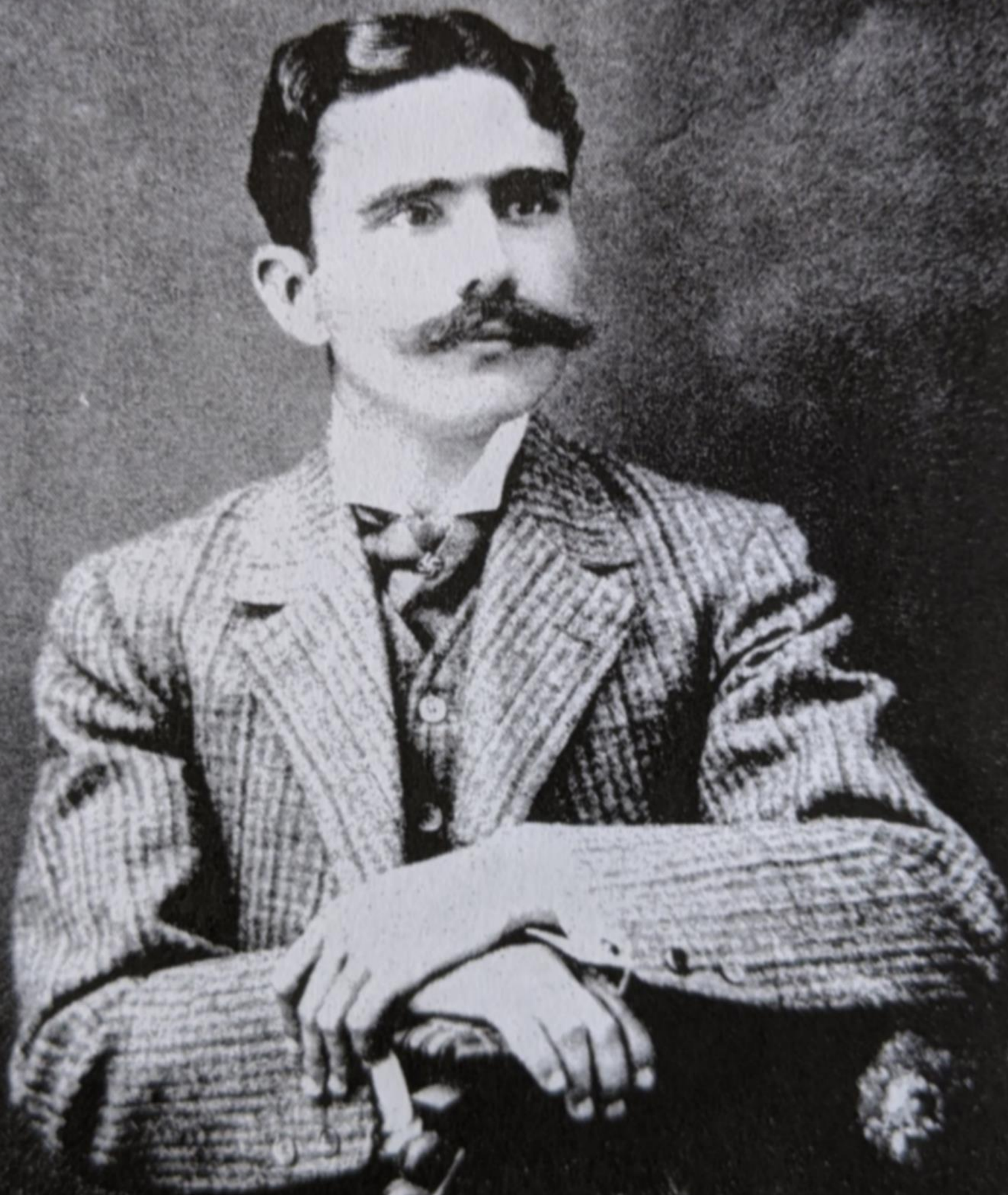
Foi mais uma de tantas e tantas leis desmoralizadas, hábito organicamente libertário de nosso povo, talentoso para a ironia e a desobediência, qualidades que formam as bases de nosso jeito de ser mais resistente às imposições.

O certo é que a facilidade do jogo parece ter incentivado também a perifa, que passou a improvisar suas bolas, aplicando aditivos de crina de cavalo como recheio a bexigas de boi infláveis, já que só barão tinha grana pra comprar bola.

Pronto, tudo certo! Bastava marcar as traves com dois objetos minimamente visíveis e rola o baba! Mais ou menos com o mesmo espírito com o qual até hoje demarcamos o golzinho fechado na praia com duas bandas de um mesmo coco.

Os riquinhos do Corredor da Vitória, com seus bigodes revirados, imitando os ingleses, e botinas lustradas, antecedendo às futuras Nike, tra-taram de oficializar seu brinquedo, como pro-prietários das bolas reconhecidas como oficiais.

O Vitória, o Bahiano de Remo, o São Paulo-Bahia, da colônia paulista, e o Internacional de Cricket fundaram a liga no Largo da Palma, em novembro de 1904. Já em 1905, fizemos o segundo campeonato, antecedido pelo paulista.



Arnaldo Pimenta da Cunha

O primeiro campeão foi o Internacional. O Vitória jogou fora a chance de ser tetra devido a uma briga besta nos seus verdes anos. Verdes, aqui, é uma referência ao São Salvador, o segundo rival, após o britânico Inter.

Carlos Costa Pinto e Arthêmio Valente discutiram durante uma partida de cricket pra ver quem devia ir buscar uma bolinha perdida numa destas linhas de fundo que todos os dias a vida nos traz e felizmente também leva.

Vá tomar ali e acolá, recomendações mútuas as mães etc. Terminou que Carlinhos se retou, ficou de mal com Arthêmio, e foi fundar o time de futebol do São Salvador, até hoje vizinho parede-meia do Vitória na avenida na Ribeira.

O verde São Salvador foi bicampeão 1906-1907. O Vitória só viria a ganhar o título em 1908, repetindo a dose em 1909, quando os vizinhos enlutados ofereceram o título à memória do artilheiro que morreu durante a campanha.

Este primeiro clássico baiano, Victoria x São Salvador, era chamado de 'Ajuste de Contas'. Foi a primeira grande rivalidade que começava a fazer do futebol um jogo bem menos fraterno que a proposta original do movimento olímpico.

O neo-olimpismo estava em alta, com o retorno dos Jogos organizados pelo Barão de Coubertin, em 1896, na Grécia. Junto com água encanada, iluminação das ruas, urbanização e transporte, o desporto era a senha da modernidade.

Para acessar a ideia de civilização, na era moderna, a mensagem ética do desporto não podia faltar. Na Salvador da virada do século 19 para o 20, esta senha tinha oito dígitos: V-I-C-T-O-R-I-A. Atualizando, V-I-T-Ó-R-I-A-1-8-9-9.

É desse período pioneiro do futebol, a formação dos embriões do que viríamos a conhecer por Seleção Brasileira. Os baianos, reunidos no seu Victoria, formaram combinados dos melhores jogadores da cidade para enfrentar os ingleses.

Os primeiros babas internacionais do país rolavam no Campo da Pólvora, onde um dia, quem sabe, ainda teremos uma estação do tão sonhado metrô, ali mesmo onde fica o Fórum Ruy Barbosa.

No tempo dos primeiros jogos de brasileiros contra estrangeiros e seus descendentes, o Campo da Pólvora era conhecido como Campo dos Martyres, alusão aos revoltosos sacrificados pela cruel Coroa portuguesa.

Esta formação identitária via futebol reforçava, menos de 100 anos depois da independência, o sentimento de liberdade, agora contraposto ao domínio inglês, e não mais em oposição a Portugal, de quem ficamos livres em 1823.

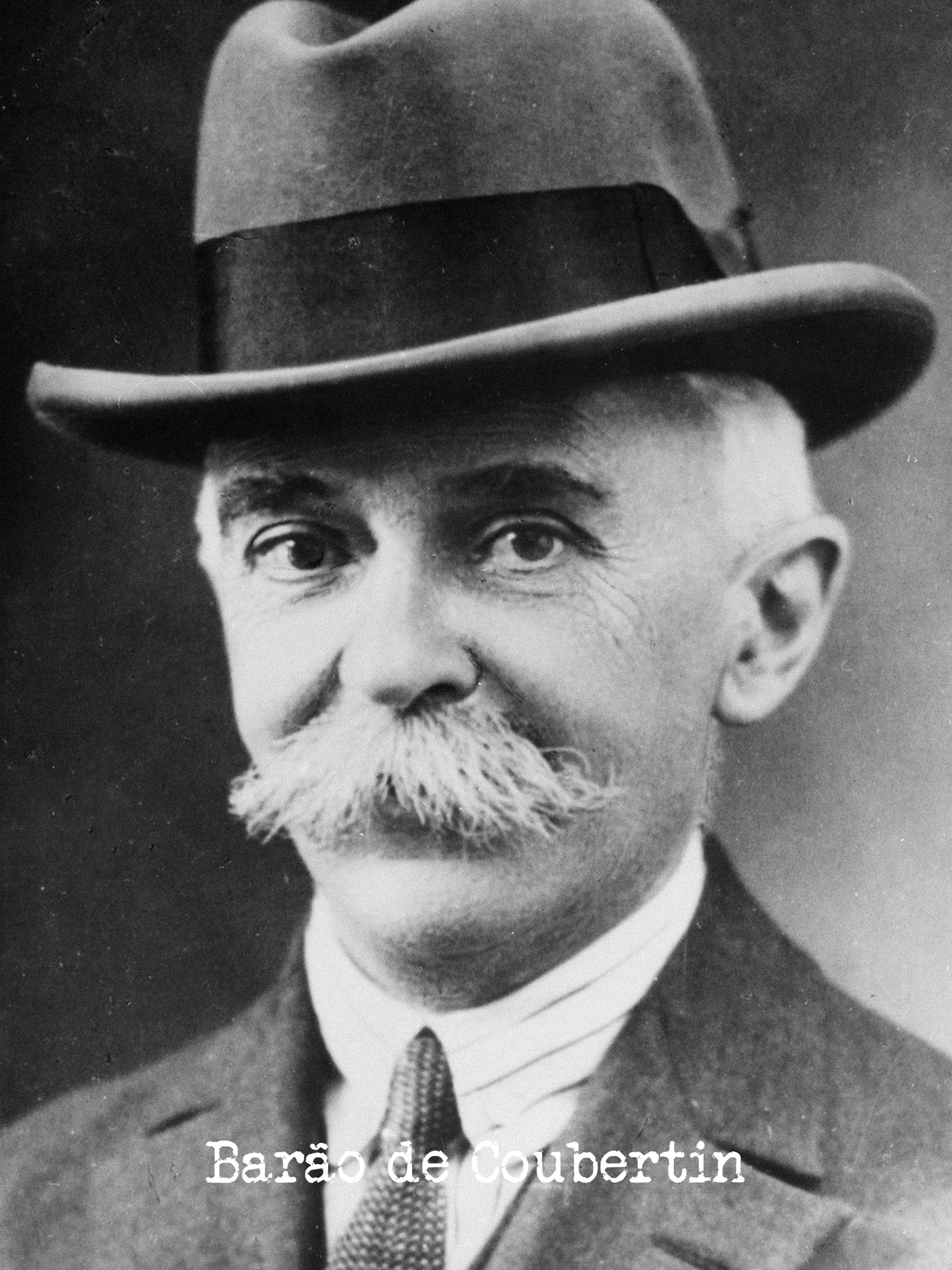
Os baianos já curtiam a bola, cercando os quadriláteros, como chamavam os 'fields', ou campos. Era tipo u'ma festinha. Os homens, de cartola e paletó; as senhorinhas, em carruagens, brindando em taças de cristal com vinho do Porto.

Tivessem já instagram ou facebook, e imagina a postagem dos 'selfies', flagrantes de elegância compartilhados por gente grã-fina que teve o mérito de permitir a Cupido acertar nosso coração com uma bolada.

Só não era assim fácil porque a arte do circo antecipara-se à magia da bola em séculos, desde a Roma dos césaes. Nossos primeiros atletas, que faziam às vezes de dirigentes, tinham de negociar com os donos dos circos.

Os circos tomavam conta das praças, para suas apresentações recebidas sempre com entusiasmo. Palhaços, malabaristas, contorcionistas, macacos, luzes e cores atiçando a imaginação no tempo que diversão era escassa.

Para retirar as estacas das pesadas lonas dos circos, era preciso muita lábia e para negociar, ceder aqui e ali, e muitas vezes, pagar alguns mil réis pelo espaço controlado pelos companheiros circenses, já na área séculos antes.



Barão de Coubertin

Com sorte, o dono do circo ainda liberava cadeiras para os primeiros fãs do football poderem assistir aos jogos de boa. O Circo Luzitano foi parceiro, ao liberar as cadeiras para um 'match' no Campo dos Martyres.

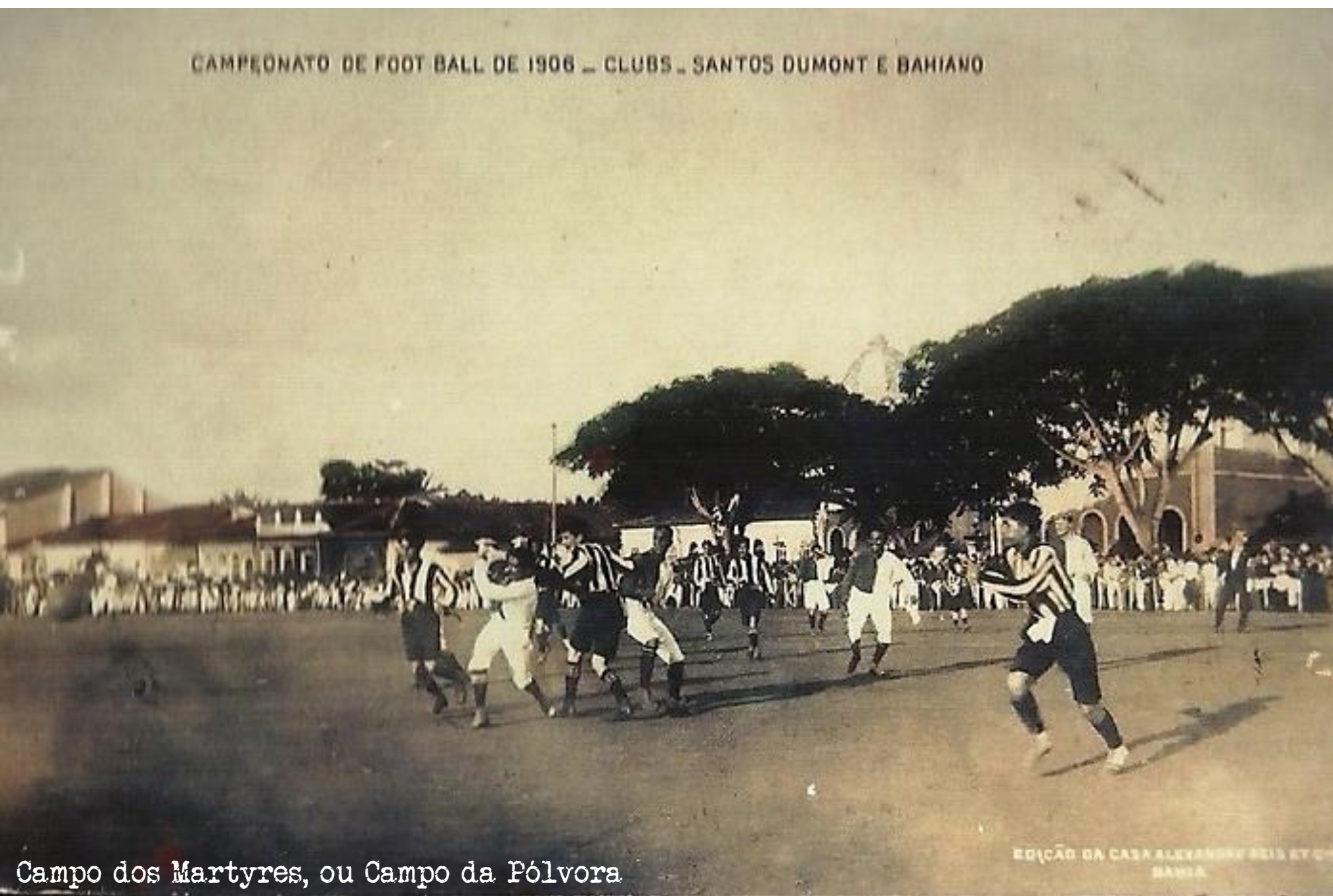
Foi neste estado de arte que fechamos estes primeiros anos de romance com a bola, em uma Salvador em metamorfose, sintonizada com a era moderna, seguindo a força do futebol. Como todo romance quente, teve uma surpresinha.

Sabiam que, muito antes do Bahia tricolor e tão querido campeão, esta primeira liga, chamada Liga Bahiana ou Liga dos Brancos, por seu perfil racista, acolheu um Sport Club Bahia, alvirubro, que foi campeão de 1911? Isso mesmo!

Este Bahia vermelho-e-branco, efêmero, provisório, fugaz e desconhecido, também parece avisar algo para o futuro. Foi este Bahia que anunciou a extinção desta primeira liga, para criação da 'Liga dos Pretinhos'.

A Liga dos Pretinhos, tem nome aparentemente carinhoso, mas tem intenção depreciativa, por aceitar em seus quadros, os jogadores *colored* (coloridos), jeito refinado do que hoje chamamos afrodescendentes.

Enfim, a senzala, hoje favela, chegava de 'com força' ao ambiente grã-fino do foot-ball, e não demoraria a criar novas e deliciosas posições com a bola, renovando kama-sutrianamente nosso poliamor, como veremos a seguir.



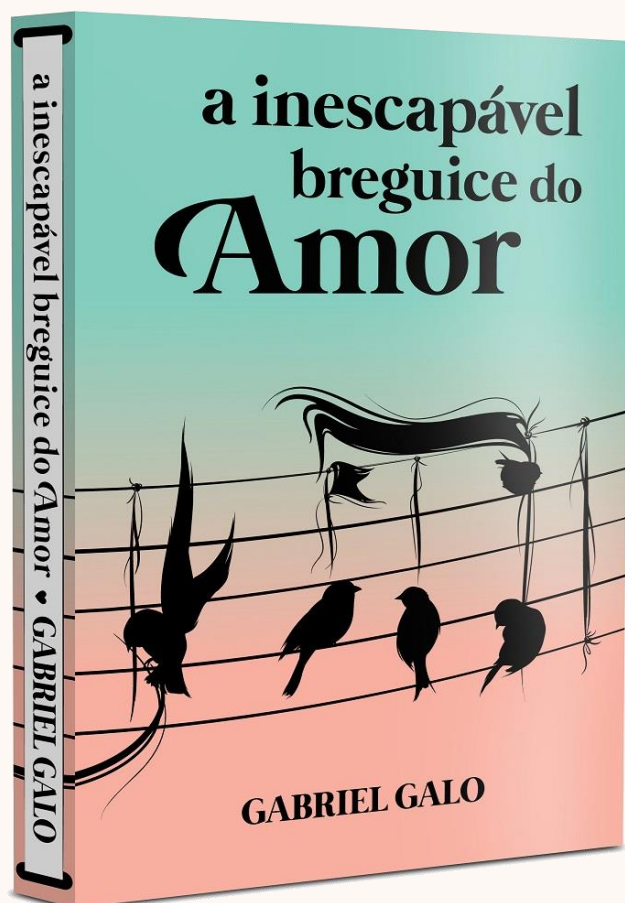
CAMPEONATO DE FOOT BALL DE 1906 - CLUBS - SANTOS DUMONT E BAHIANO



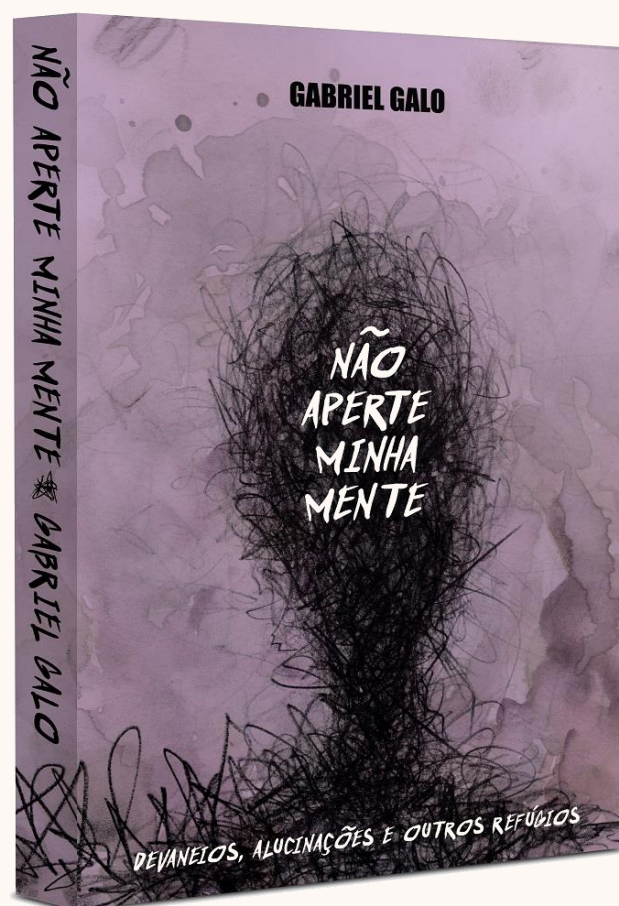
Na virada do século XXI, o Campo do Rio Vermelho era palco para a disputa do campeonato baiano. O Campo da Graça, principal praça esportiva do futebol soteropolitano até a inauguração da Fonte Nova, foi construído em 1919, por iniciativa de Arthur Moraes, ex-jogador do Sport Club Victoria.

HORA DO
MERCHAN

COMPRE JÁ OS 2 NOVOS
LIVROS DE GABRIEL GALO
COM SUPER DESCONTO.
AGORA. VAI. CORRE.



A inescapável breguice do amor
(2020, 200 páginas)



Não aperte minha mente
(2020, 208 páginas)

Últimas unidades da 1ª edição, com preço promocional, dedicatória exclusiva + .pdf para você ler onde quiser: **R\$ 24,90** cada + frete.

QUERO COMPRAR!

PAPODEGALO.COM.BR/LOJA

Disponível também para Kindle e no Google Play.